UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
***CAMPUS* MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS (CCHEL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA – NÍVEL MESTRADO

LUANA CAROLINE KÜNAST POLON

A FRONTEIRA DO CONSUMO:
RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BR) E CIUDAD DEL ESTE (PY)

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR
2014

LUANA CAROLINE KÜNAST POLON

A FRONTEIRA DO CONSUMO:
RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BR) E CIUDAD DEL ESTE (PY)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra em Geografia, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia. Área de concentração: Espaço de fronteira: território e ambiente.
Linha de Pesquisa: Dinâmica territorial e conflitos sociais em espaço de fronteira.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

P778f

Polon, Luana Caroline Künast
A fronteira do consumo: relações transfronteiriças entre Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY) / Luana Caroline Künast Polon. – Marechal Cândido Rondon, 2014.
100 p.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Brasil – Fronteiras - Paraguai. 2. Geografia. I. Vanderlinde, Tarcísio. II. Título.

CDD 22.ed. 327.810892
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.
Programa de Pós-Graduação em Geografia - Nível de Mestrado

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Aos trinta e um dias do mês de julho de 2014, às 14h00min, na Sala do Tribunal do Júri da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em Geografia constituída pelos professores Dr. Tarcisio Vanderlinde (Orientador) (UNIOESTE), Dr. Marcos Nestor Stein (UNIOESTE) e Dr. Antonio Marcos Myskiw (UFFS), para avaliarem o trabalho "*A Fronteira do Consumo: Relações Transfronteiriças entre Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad Del Este (PY)*", apresentado pela pós-graduanda **Luana Caroline Kunast Polon** para a obtenção do título de "Mestra em Geografia" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia da UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. Após arguição a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Tarcisio Vanderlinde, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 31 de julho de 2014.

Tarcisio Vanderlinde
Orientador

Marcos Nestor Stein
Membro

Antonio Marcos Myskiw
Membro

Luana Caroline Kunast Polon
Pós-Graduanda

Sophia, *do grego Sabedoria.*

Linda princesa que tanto amo.

Por você quero prosseguir!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me carregado em Seus braços durante o “deserto” em minha vida. Especialmente por ter permitido que eu concluísse mais essa etapa, mesmo em meio às tribulações. *“Às vezes, Deus acalma a tempestade... Às vezes, Ele acalma o marinheiro. Outras, ele nos ensina a nadar” (Autor Desconhecido).*

A minha mãe Glaci, pelo cuidado incansável nos dias em que me tornei criança novamente, necessitando de atenção e ajuda para quase tudo. Em especial por ter cuidado do meu maior tesouro – minha filha Sophia – nos dias em que eu estava impossibilitada.

A minha filha Sophia, por ser meu motivo de felicidade, minha força para continuar.

Ao meu esposo Paulo, pela compreensão e auxílio, especialmente nos trabalhos de campo (verdadeiras aventuras) e na correção dos textos.

A minha irmã Amanda, por tantas vezes ter cuidado da minha princesa Sophia. Ao meu pai Valmir pelo carinho. Aos demais familiares pelo apoio e preocupação. *“A verdadeira felicidade está na própria casa, entre as alegrias da família” (Léon Tolstoi).*

Ao Professor Doutor Tarcísio Vanderlinde, por ter aceito novamente orientar-me, já tendo sido meu Orientador na época da Graduação. E por seu esforço em me auxiliar nos momentos em que precisei. Pelo conhecimento acadêmico compartilhado, mas principalmente pelos conhecimentos sobre a vida. Será sempre exemplo para mim.

Ao Professor Doutor Mauro José Ferreira Cury pelas ideias compartilhadas no momento da Qualificação, as quais auxiliaram na construção deste trabalho, e ainda renderão trabalhos futuros.

Aos Professores Doutores Marcos Nestor Stein e Antonio Marcos Myskiw pelo aceite em compor a Banca de Defesa desta Dissertação. Especialmente pelas importantes contribuições, as quais serviram para o enriquecimento deste trabalho.

Aos Professores do Mestrado em Geografia da UNIOESTE/Mal. Cdo. Rondon, pelos ensinamentos. Em especial pela compreensão em minha dificuldade para concluir no tempo adequado o curso.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade da Bolsa de Mestrado. E a UNIOESTE por ser uma Instituição de respeito.

Aos familiares e amigos que prestigiaram a Defesa da Dissertação. Por fim, aos demais que, de forma direta ou indireta, me deram forças para continuar batalhando quando as adversidades não me permitiam nem ao menos sair do meu lugar.

***

“Sem sonhos, as perdas se tornam insuportáveis, as pedras do caminho se tornam montanhas, os fracassos se transformam em golpes fatais...” (Augusto Cury).

“Somos diferentes, somos únicos, vários idiomas, mesmos ideais.

Uma mistura que deu certo.

Riqueza de cultura, uma verdadeira riqueza ainda escondida.

Atrás de cada rosto existem vários mistérios, segredos, talentos.

Atrás de cada face existe mais uma figura Iguaçu.

Povo trabalhador.

Iguaçu, rio grande que emana oportunidade, que contorna a amizade de três países.

Lugar acolhedor”.

(Curta Metragem “Lindo Color”, disponível no Youtube).

POLON, Luana Caroline Künast. **A fronteira do consumo:** relações transfronteiriças entre Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY). 2014. 100f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon.

RESUMO

O presente trabalho utiliza-se de conceitos da Geografia e de áreas afins para discutir as relações que se estabelecem com base no consumo de bens em um ambiente específico elencado, no caso, a fronteira entre Brasil e Paraguai. O espaço é construído cotidianamente por meio das relações sociais, mas também estas são influenciadas pela configuração espacial. A sociedade contemporânea se reproduz com base no consumo de bens e, portanto as relações de consumo têm influências na constituição dos espaços. A fronteira é ao mesmo tempo limite e aproximação, e a condição transfronteiriça está relacionada com as questões políticas e econômicas das nações. Assim, com base em revisão bibliográfica, consulta em mídias jornalísticas e trabalhos em campo com entrevistas, o presente estudo aborda as relações de consumo na constituição do espaço fronteiriço e nas relações transfronteiriças entre Brasil e Paraguai, especificamente entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Para tanto, foram abordados aspectos conceituais, históricos e geográficos, tendo-se como pressuposto a existência de uma "fronteira do consumo", a qual é recriada diariamente por meio das relações transfronteiriças de consumo que se estabelecem nesta. A pesquisa aponta também para a flexibilidade deste ambiente de fronteira e para o tipo de relações e vivências que nela se desenrolam, as quais dependem de diversos fatores, como as políticas econômicas das nações constituintes da fronteira, sendo que estas podem ser influenciadas pela economia e política mundial. O estudo realizado percebe que a fronteira se apresenta de múltiplos modos, sendo o primeiro deles o físico. A fronteira física existente é transponível por meio do elo criado, o qual é representado por elementos de infraestrutura. Observa-se ainda a fronteira cultural, mas esta também é passível de porosidade, de modo que são criados artifícios para que as relações sociais sejam possíveis. A fronteira do consumo é representativa em uma sociedade de bases consumistas, e sendo assim, sua vulnerabilidade é dependente desta mesma sociedade.

Palavras-chave: Geografia. Fronteira Brasil - Paraguai. Consumo.

POLON, Luana Caroline Künast. **The border of consumption**: transborder relations between Foz do Iguaçu (BR) and Ciudad del Este (PY). 2014. 100s. Dissertation (Master's degree in Geography). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon.

ABSTRACT

The present study uses concepts of geography and related fields to display the relationships which are established based on the consumption of goods in a specific environment listed in the case, the border between Brazil and Paraguay. The space is built daily through social relations, as well as these can also be influenced by the spatial configuration. The Contemporary society reproduces itself based on the consumption of goods and therefore the consumer relations have influences on the constitution of spaces. The border is simultaneously limit and approach and the transborder condition is related to the political and economic issues of the nations. Therefore, based on literature review, by newspaper media consultation and field job with interviews, this study analyzes consumer relations in the constitution of the border area and transborder relations between Brazil and Paraguay, specifically between the cities of Foz do Iguaçu and Ciudad del Este. Thereunto, the conceptual, historical and geographical aspects will be addressed, taking as premise the existence of a "border of consumption", which is recreated daily through of transborder consumer relations that are established in this. The research also points to the flexibility of this border environment and type of relationships and experiences that unfold therein, which depend on various factors, as the economic policies of the nation's constituent of the border, and this can be influenced by the economy and world politics. The study perceives that the boundary is presented in multiple ways, the first being the physical. The physical border is transposed through the link created, which is represented by elements of infrastructure. There is equally a cultural border, but this is also likely to porosity, so that devices are designed so that social relations are possible. This boundary of the representative consumer is in a consumerist society bases, and therefore, their vulnerability is dependent on this same society.

Key words: Geography. Brazil-Paraguay border. Consumption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista panorâmica da Ponte Internacional da Amizade 50
Figura 2 - Tríplice Fronteira Brasil, Paraguai e Argentina 52
Figura 3 – Matéria do Jornal "Nosso Tempo", em 03 de fevereiro de 1984. 57
Figura 4 - Visão externa da Feira Iguaçu em 2012 76
Figura 5 - Guia para consumidores em Ciudad del Este 78
Figura 6 - Vila Portes, Foz do Iguaçu 80
Figura 7 - Jardim Jupira, Foz do Iguaçu 80
Figura 8 - Feira Livre na Vila Portes 81
Figura 9 - Banner informativo da 7ª Edição da Operação Ágata 87
Figura 10 - Manifestação contra a intensiva ação militar na fronteira, em maio de 2013. 89

LISTA DE SIGLAS

ASSOPORTES - Associação dos Empresários da Vila Portes e Jardim Jupira
BR – Brasil
EMCFA - Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
FAB - Força Aérea Brasileira
FHC – Fernando Henrique Cardoso
IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados
MERCOSUL - Mercado Comum do Sul
MEI – Microempreendedor Individual
OIM - Organização Internacional de Migrações
PT – Partido dos Trabalhadores (Brasil)
PY – Paraguai
RTU - Regime de Tributação Unificada
TRACO - Oficina Regional Do UNICEF Para América Latina e Caribe
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TEC - Tarifa Externa Comum
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

CAPÍTULO 1 – O OBJETO, A GEOGRAFIA E AS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS **17**

1.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO 18

1.2 O OBJETO EM QUESTÃO E SUA RELEVÂNCIA PARA OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS 19

1.3 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS 21

CAPÍTULO 2 – DISCUSSÃO CONCEITUAL E OS ESTUDOS SOBRE CONSUMO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA **26**

2.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO 27

2.2 UM ESPAÇO, MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, FRONTEIRAS EM TRANSIÇÃO E A NECESSIDADE DA DISCUSSÃO CONCEITUAL 28

2.3 A SOCIEDADE DE CONSUMO E O CONSUMO NA GEOGRAFIA 35

CAPÍTULO 3 – A FRONTEIRA DO CONSUMO E O CONSUMO NA FRONTEIRA **48**

3.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO 49

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA ÁREA DE FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BR) E CIUDAD DEL ESTE (PY) 50

3.3 RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS COM BASE NO CONSUMO: BREVE HISTÓRICO E O CONTEXTO ATUAL 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS **91**

REFERÊNCIAS **94**

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada por meio desta Dissertação originou-se a partir de reflexões realizadas anteriormente sobre a "sociedade de consumo", no momento da construção do TCC da Licenciatura em Geografia, pela UNIOESTE. A qual contou igualmente com a orientação do Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde, e intitulou-se: "Sociedade de consumo ou o consumo da sociedade? Um mundo confuso e confusamente percebido". Naquele momento, buscou-se a compreensão de elementos essenciais da sociedade consumista, em especial aqueles relacionados com a degradação ambiental e social em uma sociedade com bases no consumo. No contexto da elaboração do presente trabalho dissertativo, tomou-se como base aquele estudo preliminar, e decidiu-se pela ampliação da pesquisa, compreendendo como o consumo transpõe os limites territoriais nacionais, gerando condições para sua perpetuação.

No estudo aqui apresentado, foi realizada uma reflexão acerca da influência da sociedade de consumo no ambiente fronteiriço entre Brasil e Paraguai, compreendendo os municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, constituindo ali uma "fronteira do consumo", caracterizada pelas relações que se desenrolam nesta. Buscou-se compreender os elementos que envolvem esta problemática para além do simples deslocamento para consumir. Percebeu-se que há práticas e vivências que estão intimamente relacionadas com o consumo na fronteira.

A sociedade de consumo pode ser caracterizada como aquela em que os lucros são oriundos acima de tudo pela exploração dos desejos de consumo (BAUMAN, 2008)[1], sendo essencial que além das condições para suprir as vontades

[1] Alguns autores, cujas ideias são utilizadas na construção do presente trabalho, são considerados como "Pós-modernos". A definição em questão é discutida entre os teóricos, dentre os quais alguns defendem que não existe uma pós-modernidade, enquanto outros preferem chamar o contexto de "modernidade tardia", como é o caso de Anthony Giddens. A ideia de pós-modernidade é regida pela suposta superação da modernidade, com o alcance do progresso conduzido pela razão. Questão esta que é debatida como não finalizada por alguns autores, os quais consideram essa superação como uma ilusão. O consumo é um dos temas mais debatidos no contexto dos embates modernidade e pós-modernidade. "No contexto da substituição da sociedade de produção pela sociedade de consumo no pós-2ª Guerra, o embate entre capital e trabalho metamorfoseia-se na oposição sujeito versus objetos de consumo" (ALVES, 2008, p. 216), assim, a relação dos homens com os objetos é transformada, e surgem os debates acerca da fragilidade dos laços e do valor de troca em detrimento do valor de uso. Para Rouanet (1987), a pós-modernidade seria uma ilusão. O autor acredita que a modernidade tem passado por transformações, mas que ela ainda não chegou ao fim. Diante da crise da modernidade, o autor analisa o projeto de uma civilização "neomoderna", a qual manteria os elementos bons da modernidade, corrigindo as possíveis patologias existentes.

de consumo, ainda sejam incentivados os anseios consumistas, como meio de propagação deste modo de reprodução. Diferentemente da sociedade de produtores, na qual os lucros provinham primordialmente da exploração do trabalho assalariado, em uma sociedade de consumo é o consumir constante que permite a consolidação dos lucros. Sem desconsiderar a existência da exploração dos trabalhadores, torna-se necessário pensar nas formas adotadas pelo capital para sua reprodução para além das questões relativas ao trabalho, mas compreendendo que há uma sociedade cujas bases econômicas são fundamentadas no ato de consumir.

Um dos conceitos mais debatidos na Ciência Geográfica – mas não apenas na Geografia – é o de fronteira. A fronteira problematizada neste trabalho é criada e recriada cotidianamente com base nas relações que a permeiam, especialmente aquelas ligadas ao consumo de bens do “outro lado” (Paraguai). A visão adotada na presente pesquisa se posiciona do lado “de cá” desta fronteira (Brasil), percebendo-a como elemento essencial para compreensão do ambiente fronteiriço tal como se apresenta, construído historicamente pelas transformações no modo como a fronteira é percebida e vivida.

A fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente no recorte Foz do Iguaçu-Ciudad del Este – avaliado de modo mais próximo durante a pesquisa – é caracterizada pelas “marcas” construídas historicamente nesta. É a fronteira dos sacoleiros, dos contrabandistas e traficantes, dos olheiros, das rotas turísticas, dos passeios de compras, do trabalhador informal, das migrações pendulares, dos consumidores que não necessariamente criam vínculos. É a fronteira dos brasiguaios, dos conflitos, do transporte de drogas, cigarros, agrotóxicos e do descaminho... Contudo, para este trabalho, ela é a “fronteira do consumo”, entendendo que os demais elementos associados ao conceito estão relacionados a esta última especificidade.

Dentre os múltiplos conceitos que a Geografia oferece, vários poderiam embasar a pesquisa aqui apresentada, porém optou-se pela ideia de condição transfronteiriça como base para as discussões, muito embora os demais conceitos sejam debatidos ao longo do trabalho. Basicamente, o transfronteiriço pode ser entendido como um aspecto que ultrapassa os limites de um país, mas aqui é percebido como elemento que se prorroga para além dos limites territoriais, que supera os limites criados pela linguagem, pelos costumes, pela economia e política.

O transfronteiriço é entendido como transposição das barreiras, como possiblidade de superação dos empecilhos criados e estabelecidos pelas condições limítrofes estabelecidas formalmente.

Em momentos específicos, a fronteira se apresenta de modo menos flexível, constituindo-se enquanto elemento de separação dos “de fora”. Em outros, torna-se transponível, dotada de porosidade. Em relação ao consumo, nota-se que há maior tolerância, criando-se, inclusive, artimanhas para que essa relação transfronteiriça não seja esgotada por força de empecilhos criados por um dos lados da fronteira. Assim, torna-se pertinente entender como esse aspecto – consumo – movimenta o ambiente fronteiriço e tem se perpetuado por vários anos, atraindo consumidores de diversos lugares do Brasil, e para além deste.

De modo geral, a discussão apresentada por meio deste trabalho representa uma visão unilateral. Uma percepção do consumo dos brasileiros no comércio paraguaio, especificamente como se constituem as relações entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, enquanto cidades que comportam as contradições e os benefícios da fronteira. Sendo caracterizado por uma visão unilateral, este trabalho não visa trazer respostas definitivas e inquestionáveis, mas compreender que todo objeto é múltiplo em definição, variando de acordo com o olhar do observador. “Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil” (TUAN, 1980, p. 285).

A fronteira analisada por meio do enfoque adotado por esta pesquisa é ao mesmo tempo limite e acesso. Ela torna-se limite em momentos específicos, quando diz respeito a cada nação e suas próprias políticas públicas. Enquanto, ao mesmo tempo é acesso, é o elo entre duas nações tão diversas. Este acesso referido diz respeito às condições que foram criadas como forma de relacionamento entre as partes, especialmente entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, como a BR 277 e ainda a Ponte Internacional da Amizade (a qual o próprio nome já soa como revelador). Quando retratada a fronteira entre Brasil e Paraguai, em muitas ocasiões transmite-se a ideia da ponte como elemento de fronteira, muito embora esta seja o acesso entre os alheios, e não a fronteira em si.

Talvez a palavra que melhor defina a fronteira é flexibilidade. Ela pode ser pensada como “fronteira do consumo”, no sentido de separação dos que consomem e daqueles que não podem consumir, frente às desigualdades sociais que também

se inserem no contexto fronteiriço – mas não é este o foco desta pesquisa. Ela é antes a fronteira física que divide dois países, mas também a fronteira porosa, aquela que possibilita o contato entre os alheios, especialmente quando o assunto for o consumo.

A configuração do ambiente fronteiriço em questão, bem como das relações que ali se estabelecem, depende especialmente de fatores políticos e econômicos, os quais atuam neste cenário, podendo alterar a configuração espacial e o referido uso deste espaço. As relações de consumo na fronteira entre Brasil e Paraguai sofrem ameaças constantes, pois dependem de políticas e interesses econômicos para continuarem como estão. Uma mudança no cenário político de algum dos países, ou a concretização da Tarifa Externa Comum (TEC), ou ainda as políticas de crédito no comércio interno do Brasil, podem influenciar nas escolhas sobre onde comprar, já que diante de várias razões o deslocamento ao comércio paraguaio se torna desvantajoso. Assim, a "fronteira do consumo" é uma caracterização instável, que depende de diversos fatores para se perpetuar, e caso não se perpetue, uma nova configuração espacial e novas territorialidades constituir-se-ão.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos subdivididos em tópicos específicos. O primeiro capítulo apresenta o objeto da pesquisa, percebendo sua importância no contexto da Ciência Geográfica. Basicamente são dois conceitos principais que estruturam o trabalho: fronteira e consumo. E a partir destes, outras noções auxiliares são utilizadas para desenvolver a discussão, como a noção de transfronteiriço. O capítulo apresenta também aspectos teóricos e metodológicos adotados para as reflexões, problematizando as escolhas realizadas na pesquisa.

O segundo capítulo é constituído por discussão teórico-conceitual, apresentando os principais conceitos que permeiam o debate, como: espaço, territórios e territorialidades, fronteira e condição transfronteiriça. Neste capítulo é desenvolvida também uma reflexão sobre a sociedade de consumo, buscando perceber como esta se reproduz. Procurou-se ainda trazer o debate sobre consumo para o campo da Ciência Geográfica.

No terceiro capítulo, desenvolveu-se uma contextualização histórico-geográfica da área elencada como base para este trabalho, compreendendo os processos históricos que formaram a "fronteira do consumo". Procurou-se refletir sobre a complexidade das relações transfronteiriças com base no consumo e sobre os atores envolvidos neste processo.

Os capítulos apresentam breve introdução, expondo o tema debatido em cada tópico. Algumas imagens são apresentadas ao longo do trabalho, bem como fragmentos das entrevistas realizadas. Basicamente, os dois primeiros capítulos são compostos por discussões teóricas que fornecem uma visão sobre a condição do consumo na sociedade contemporânea, bem como dos principais conceitos da Ciência Geográfica que podem ser utilizados para embasar as discussões em pauta. O terceiro capítulo se ocupa especificamente da contextualização da área de estudos, bem como da problemática base do trabalho, utilizando-se dos conceitos e noções debatidas nos dois primeiros capítulos. Conclui-se o texto com algumas percepções e indagações sobre o futuro da “fronteira do consumo” diante das transformações do mundo no contexto contemporâneo, segundo a estabilidade/fragilidade dos ambientes fronteiriços.

CAPÍTULO 1 – O OBJETO, A GEOGRAFIA E AS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

1.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO

Neste capítulo serão abordadas questões relativas ao objeto analisado ao longo da pesquisa, que é representado pela fronteira e as relações transfronteiriças com base no consumo entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, percebendo alguns fatores que permitem que essas relações sejam possíveis.

A fronteira é um dos conceitos mais complexos da Ciência Geográfica e também um dos mais discutidos atualmente. Tendo-se como base a ideia de que as relações sociais criam e recriam os espaços por meio das territorialidades, mas também que a configuração espacial influencia a sociedade, é possível pensar que as fronteiras são uma consequência da forma como a sociedade se reproduz. Assim, as fronteiras podem ser constituídas como limites físicos bem definidos, mas também como elementos subjetivos nas relações cotidianas. Fronteira é um dos conceitos mais importantes da Geografia por estar relacionado com o espaço de modo geral, assim como com a noção de territórios, territorialidades e limites.

O estudo apresentado por meio deste trabalho dissertativo é importante para a Geografia à medida que relaciona a sociedade de consumo num ambiente fronteiriço em específico. Entende-se que as duas dimensões estão relacionadas, de modo que uma sociedade com bases no consumo de bens permite que as relações comerciais e de consumo sejam discutidas para além das fronteiras nacionais, criando uma condição transfronteiriça de consumo. O que torna a fronteira um espaço flexível em se tratando do aspecto comercial.

O consumo ainda é superficialmente debatido no âmbito da Geografia. A ênfase geralmente é dada ao descarte e às consequências ambientais deste e da retirada de recursos naturais do meio para confecção dos produtos. Mas em raros casos a Geografia debate as questões sociais envolvidas nas relações de consumo, como a influência que os meios de comunicação exercem sobre os indivíduos, influenciando-os ao consumo. Ainda, para além da degradação ambiental, a sociedade de consumo produz a degradação social, quando os indivíduos devem trabalhar arduamente, negando seu próprio ócio, com a finalidade de pagar as dívidas que o consumo gera, e ainda continuar consumindo.

A noção de “felicidade”[2] que é embutida nos atos de consumo, e a satisfação do consumir, são aspectos que estão relacionados com as práticas de produção e consumo, e por muitas vezes são negligenciados pela Geografia. Portanto, neste capítulo buscou-se discutir, ainda que talvez brevemente, alguns destes aspectos. Foram abordadas também questões relativas aos aspectos teóricos e metodológicos, explicitando a forma como a pesquisa foi desenvolvida. Este tópico tem como intenção discutir algumas escolhas ao longo da elaboração do trabalho, mas também discorrer sobre a forma de estruturação da pesquisa e quais as rotas elencadas para embasar a discussão apresentada. Os referenciais bibliográficos adotados para realização do trabalho teórico também foram destacados ao longo do capítulo.

1.2 O OBJETO EM QUESTÃO E SUA RELEVÂNCIA PARA OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

A discussão aqui apresentada tem como base duas ideias principais que estão relacionadas: a fronteira e a condição transfronteiriça. A noção de fronteira é polissêmica, ou seja, permite múltiplas interpretações, embora seja mais comumente vinculada a noção de limites, sejam eles físicos, políticos, culturais, etc. Mas a fronteira é mais do que isso. Ela pode se apresentar de modo instável, sendo que em algumas ocasiões se configura com rigidez diante dos “de fora”, e em outras se mostra flexível, com relativa porosidade. A condição transfronteiriça é aquela que ultrapassa os limites territoriais, quando em algumas ocasiões parece não haver mais o aspecto limite.

Assim, quando na pesquisa é mencionado o conceito de fronteira, esta é representada ora pelo ambiente físico que separa duas cidades e duas nações, ora pela ideia de elementos de distinção. Quando utilizada a ideia de transfronteiriço, refere-se à noção de relações que extrapolam os limites territoriais nacionais, esta

[2] Na sociedade de consumo, a felicidade é percebida como um “fim” que indivíduos precisam alcançar, e não como um “meio” de vida. Há uma ideia presente nas relações sociais de que os sujeitos precisam ser felizes, e para isso existem diversos meios possíveis, sendo um deles o consumo. “Com o advento da cultura de massa, o significado da felicidade foi subvertido. Na sociedade de consumo, ser feliz deixou de representar um meio como se vai e passou a ser percebido como um fim a que se chega” (VOLPI, 2007, p. 90). O consumo se tornou um meio para alcançar um estado de satisfação, mesmo que seja momentâneo, devendo ser praticado constantemente, segundo a lógica desta sociedade.

ideia está ligada às questões econômicas – mas não apenas a estas – quando não há uma tentativa de eliminação das barreiras geográficas e culturais em favor da expansão do capital.

No caso específico da fronteira Brasil-Paraguai, os aspectos culturais e linguísticos e a fronteira física não se tornam empecilhos significativos para o impedimento das relações comerciais e de consumo entre estes países, pois criam-se condições para que estas se desenvolvam plenamente, para além do aspecto fronteira, como é o caso do “Portunhol”.

O Portunhol pode ser considerado como um elemento transfronteiriço que atua como facilitador para as transações comerciais entre comerciantes e consumidores em Ciudad del Este, mas também nas negociações entre brasileiros e paraguaios no próprio comércio de Foz do Iguaçu, especialmente na Vila Portes e no Jardim Jupira. “Ainda é muito cedo para considerar o portunhol uma língua à parte, um novo idioma ou sequer um dialeto” (COLOMBO, 2007). Cabe refletir que não apenas a confluência do Português com o Espanhol acontece, mas há a presença do Guarani, a qual acaba sendo menosprezada em algumas ocasiões. Também no caso da fronteira analisada, existe uma intensa presença de árabes e chineses, os quais possuem uma língua específica, mas cuja comunicação se flexibiliza para tornar as relações possíveis.

Apesar de não haver uma concordância entre os pesquisadores sobre o caráter do Portunhol, convém pensar nos processos históricos que levaram à constituição de uma comunicação possível entre os países. Assim, não se pode falar em uma nova língua a partir da mistura do Português com o Espanhol, ainda mais no contexto da fronteira, quando há uma vasta multiplicidade cultural e linguística que não abarca apenas as duas línguas citadas. Deste modo, o Portunhol seria uma adequação prática da linguagem como fator de facilitação da comunicação.

O consumo no comércio de Ciudad del Este perpassa as questões do comprar. Existe uma rede complexa que permeia o entendimento do cotidiano naquele local, e muitas questões poderiam ser pensadas com esta base, como: qual a origem dos produtos comercializados em Ciudad del Este, e para quais estados e cidades brasileiras estes produtos são levados? Quem são os consumidores? (compradores eventuais, turistas, sacoleiros, vendedores informais ou formais, etc.). E ainda, quais os meios de deslocamento e estadia? Quais são os produtos consumidos e quais as razões para buscar mercadorias em Ciudad del Este? Quem são os empresários e

trabalhadores daquele espaço comercial? Assim, inúmeras interrogativas surgem e certamente seria necessário um trabalho demasiadamente amplo para compreender adequadamente a dinâmica do comércio e consumo em Ciudad del Este. No entanto, o trabalho aqui apresentado tem como propósito perceber como se constituiu este importante ambiente de consumo, e como as relações se moldam para que a dinâmica da "fronteira do consumo" se perpetue.

Alguns conceitos da Ciência Geográfica são essenciais para o entendimento dessas relações na fronteira, quando o próprio termo "fronteira" precisa ser pensado e compreendido naquele contexto. Assim, também se torna relevante perceber que as relações humanas modificam o espaço, transformando a paisagem e enrijecendo ou fragilizando os limites territoriais nacionais.

A noção de transfronteiriço foi adotada neste trabalho, uma vez que as relações que se estabelecem na fronteira analisada perpassam os limites nacionais, mas são criadas e recriadas diariamente por meio do contato entre os alheios. Nesta fronteira, a linguagem, a cultura e a moeda não são empecilhos que anulam as relações, mas são elementos ajustáveis com a finalidade de permitir que as relações de consumo sejam perpetuadas.

Intrínseca à discussão acerca do consumo no espaço fronteiriço elencado neste trabalho, cabe discutir o aspecto da transformação geográfica que ocorre neste ambiente, uma vez que o espaço geográfico se molda em favor das práticas sociais que se desenrolam nele. O fluxo de pessoas e mercadorias na fronteira gera uma condição de adaptação aos interesses da reprodução de capitais, transformando a paisagem para que o deslocamento seja possível. Além disso, o espaço urbano é tomado pelas investidas de *marketing*, as quais transformam as ruas em verdadeiros catálogos de anúncios, com *outdoors* por todas as partes. Por estas razões, o presente estudo se faz relevante à Geografia.

1.3 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para elaboração da pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico, no qual são fundamentados os conceitos que embasam as discussões. Para tal, foi construída uma discussão teórica que aborda brevemente o conceito de espaço, problematizando-o. Com o entendimento de espaço, torna-se possível a construção

de um debate acerca dos conceitos de território e territorialidades, entendendo-os como aspectos flexíveis. A partir da noção de território, são abordadas as ideias de limites e de fronteiras, analisando os conflitos intrínsecos à fronteira. Por fim, esta parte introdutória dos conceitos, traz à luz uma definição de transfronteiriço, conceito este que melhor enquadra-se nas discussões apresentadas por meio da presente pesquisa.

Na discussão conceitual, optou-se pela apresentação de visões diversificadas, de modo a não adotar a intepretação conceitual como aspecto imutável, mas percebendo que existem variados modos de perceber os conceitos, que são constituídos de complexidade. Assim, ideias de autores da Ciência Geográfica foram utilizadas de modo privilegiado, muito embora tenham sido explanadas as definições conceituais de pensadores de outras ciências, como é o caso de Henri Lefebvre - Filósofo e Sociólogo marxista, de origem francesa – cujas ideias são amplamente utilizadas na Geografia.

Sobre o tema consumo, a carência de estudos deste caráter na Ciência Geográfica obriga o pesquisador interessado na temática a buscar fontes em outras Ciências, o que pode ter deixado este trabalho com aspecto interdisciplinar, elemento que (a nosso ver) enriquece a pesquisa. Para tal, especialmente na parte do trabalho em que são discutidas questões pertinentes à sociedade de consumo, optou-se por uma discussão interdisciplinar em que fosse possível definir elementos relevantes deste tipo de sociedade, que nada mais é do que aquela que busca satisfazer seus desejos e necessidades de consumo também do “outro lado” da fronteira. Assim, as relações de consumo não estão desvinculadas ao modo como essa sociedade se reproduz, mas são consequências desta.

A pesquisa conta com parte histórica, a qual foi elaborada com base em trabalhos bibliográficos e acadêmicos já desenvolvidos sobre a região de fronteira elencada para as discussões aqui apresentadas. De modo semelhante, foram utilizadas informações divulgadas pelas mídias regionais acerca do consumo no ambiente fronteiriço em questão, uma vez que há carência de trabalhos específicos sobre o tema. Artigos de cunho científico publicados em meios eletrônicos também serviram como base para construção teórica da pesquisa.

Matérias de jornais foram utilizadas como recurso, pois demonstram opiniões, as quais em muitos casos são reproduzidas pelos leitores cotidianamente. Além disso, o uso de fontes de mídias regionais possibilita o conhecimento de dados e

informações que por vezes não chegam às mídias de maior abrangência. Também nos meios midiáticos nacionais foram veiculadas informações relevantes que serviram para embasar a pesquisa. Assim, foram utilizadas informações de jornais como a “Gazeta do Povo” de Curitiba e o Jornal “O presente” de Marechal Cândido Rondon, bem como outras listadas nas referências. Como complemento aos conceitos discutidos, foram utilizadas ideias presentes em dois vídeos, sendo um deles uma entrevista com Milton Santos, na qual ele aborda questões pertinentes à Ciência Geográfica, falando sobre o consumo. A outra referência é apenas uma menção ao filme “Xingú”, no qual são debatidos aspectos relativos à ideia de fronteira, onde em muitas ocasiões o limite é necessário, enquanto em outros se torna um empecilho.

Como aspecto prático desta pesquisa, foi realizado trabalho de observação em campo, ao dialogar com pessoas de Foz do Iguaçu que possuem relações com o comércio e o consumo transfronteiriço. Muito embora este trabalho não tivesse como intenção primordial a realização de pesquisa em campo, foram realizadas algumas viagens até a cidade de Foz do Iguaçu, na intenção de perceber alguns aspectos particulares daquele município em relação à fronteira. Assim, com base em observação de campo, algumas ideias preliminares foram levantadas. Nestas viagens houve o contato com pessoas que vivenciam diariamente as contradições de morar em um ambiente de fronteira. Foram diversas conversas informais que certamente abririam um leque amplo de possiblidades para discutir a fronteira.

Dentre as pessoas com as quais foi possível contato, está um guia do Ecomuseu de Foz do Iguaçu, o qual falou sobre a vida na fronteira, nas vantagens e desvantagens, especialmente em relação às possibilidades de consumo nos países vizinhos, atentando para a necessidade do uso de várias moedas para consumir com vantagem. Infelizmente a entrevista não foi gravada, mas algumas informações cedidas foram essenciais para compreender como as pessoas tiram vantagem nas relações transfronteiriças de consumo. Assim, as falas deste não serão colocadas diretamente no trabalho, mas aparecerão sob a forma de ideias esporadicamente entre as discussões.

Para a realização das entrevistas optou-se pela concessão da liberdade de expressão dos entrevistados, de modo que as entrevistas adquiram aspecto de um diálogo, mesmo respeitando os padrões formais, contando inclusive com termo de permissão para o uso das falas. O tema central explicitado nas entrevistas foi o

consumo na fronteira, sendo que a partir desta surgiram diversas relações sob múltiplos pontos de vista. Não foi realizado questionário com questões formuladas preliminarmente, mas permitiu-se aos entrevistados a expressão de suas vivências e do conhecimento que têm sobre as relações de consumo na fronteira. Posteriormente, fizeram-se recortes focando nos elementos mais significativos para realização do trabalho.

De modo específico, foram realizadas duas entrevistas com gravação em áudio. Questões pontuais foram lançadas, e permitiu-se que os entrevistados manifestassem suas opiniões. Duas pessoas foram entrevistadas de forma direta, das quais uma foi indicada por um amigo em comum, e com a outra foi obtido contato na própria “Feira Iguaçu”, por indicação dos demais feirantes, sendo considerada por eles como a pessoa ideal para a entrevista. Os entrevistados representam visões diferenciadas, apesar de estarem do mesmo lado da fronteira, o brasileiro. Um dos entrevistados foi Adevilson de Oliveira Gonçalves, o Secretário de Desenvolvimento Socioeconômico do município de Foz do Iguaçu no ano de 2012, ao qual se teve contato por meio de uma visita à Secretaria naquele município. O entrevistado prontamente aceitou conversar e expôs muitas questões relevantes, muito embora nem todas pudessem ser discutidas no trabalho. Assim, obteve-se a visão sobre as relações na fronteira através dos olhos de alguém que representa o Poder Público Local.

A segunda pessoa entrevistada foi uma senhora – feirante – a qual se teve acesso em uma visita à Feira Iguaçu, em Foz do Iguaçu. Dona Margarida Bezerra foi uma das pioneiras das feiras naquele município, conhecendo bem os problemas que permeiam o consumo entre Brasil e Paraguai. Tendo já vivenciado a experiência de ser sacoleira, tinha muitas histórias para contar, e assim, aceitou ser entrevistada. Dona Margarida é uma mulher simples, vinda do nordeste brasileiro, trabalhou na informalidade e hoje ocupa um dos *box* da Feira Iguaçu. A entrevista realizada abriu margem para múltiplas discussões, desde as histórias de vida e as dificuldades de ser feirante, até as contradições e conflitos de revender produtos paraguaios em meio ao comércio formal de Foz do Iguaçu. Assim, foi necessário retirar apenas as discussões que mais se aproximavam do contexto abordado nesta pesquisa, ficando as demais informações como base para compreensão das relações transfronteiriças. A entrevistada em questão representa uma parcela de trabalhadores para os quais a fronteira é fonte de subsistência.

O capítulo adiante apresenta alguns conceitos essenciais para as discussões apresentadas por meio deste trabalho, discorre-se sobre os termos geográficos que mais se aproximam do debate e que possibilitam o entendimento das relações na fronteira. Também é analisada a presença do consumo na Geografia, percebendo o modo como o conceito é trabalhado e quais as ênfases ao tema nas abordagens geográficas.

CAPÍTULO 2 – DISCUSSÃO CONCEITUAL E OS ESTUDOS SOBRE CONSUMO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

2.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO

Deem-lhe todas as satisfações econômicas de maneira que não faça mais nada senão dormir, devorar pastéis e esforçar-se por prolongar a história universal; cumulem-no em felicidade até à raiz dos cabelos: à superfície de tal felicidade como à tona de água virão rebentar bolhas pequeninas.

(DOSTOIEVSKI Apud BAUDRILLARD)

A citação de Baudrillard referenciando Dostoievski pode ser considerada uma representação dos dias atuais, quando "ter" coisas parece ter se tornado mais importante do que "ser" e se reconhecer como indivíduo. Por vezes parece haver apenas uma "massa" de sujeitos aptos ao consumir, e quanto menos pensantes forem estes, mais conveniente será ao sistema. Acumular sem saber a razão, trocar mesmo quando o antigo ainda funcione, sentir necessidade de algo novo, ter crédito e descartar o que não for mais considerado útil, são algumas marcas de uma sociedade que tem suas bases no consumo. Alguns destes aspectos serão analisados neste capítulo que segue, com a finalidade de compreender as razões que motivam os fluxos na fronteira Foz do Iguaçu-Ciudad del Este, em direção ao variado comércio paraguaio.

Neste capítulo serão analisados alguns conceitos pertinentes à Ciência Geográfica, como a própria noção de espaço, enquanto conceito abrangente e de compreensão necessária. Serão discutidos também o território e as territorialidades como elementos essenciais para compreensão das fronteiras, bem como das relações transfronteiriças. A discussão conceitual é relevante, pois um conceito mal compreendido pode transformar o sentido daquilo que se busca esclarecer. Há uma dificuldade em se definir conceitos porque estes estão constantemente em debate, mas algumas referências bibliográficas importantes foram adotadas como base para entender os principais termos utilizados na pesquisa.

Como explicitado anteriormente, neste capítulo será realizada uma construção teórica acerca da "sociedade de consumo" e ainda serão apresentadas as principais ideias ligadas ao consumo analisadas pela Ciência Geográfica,

atentando para a importância dos estudos que abranjam não apenas as questões trabalhistas ou ambientais, mas que entendam como as relações se estabelecem em uma sociedade de bases consumistas.

2.2 UM ESPAÇO, MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, FRONTEIRAS EM TRANSIÇÃO E A NECESSIDADE DA DISCUSSÃO CONCEITUAL

Ao longo da história da Ciência Geográfica, o próprio objeto desta – O Espaço – é questionado por sua amplitude, já que se podem designar como espaço diversos elementos, como o espaço entre dois objetos, o espaço de tempo, o espaço entre dois lugares, etc. O conceito de espaço foi amplamente discutido por diversos geógrafos em toda história da Ciência Geográfica, mas não apenas geógrafos, como também outros pensadores, como Lefebvre, que com base em um viés marxista "toma o espaço como foco do seu olhar sobre a história, apresentando-o como a categoria que comanda a reprodução da estrutura global da sociedade, a partir da reprodução das relações de produção" (MOREIRA, 2000, p. 31). Enquanto para Milton Santos "o espaço é apenas um reflexo da sociedade, uma tela de fundo onde os fatos sociais se inscrevem à vontade, na medida em que acontecem" (SANTOS, 2004, p. 159). Grande parte dos pensadores afirma que o espaço não possui por si próprio uma existência real, mas é construído, antes de qualquer coisa, no pensamento humano. Hegel já percebia o espaço como reflexo da sociedade, ideia que muitos autores ainda compartilham.

Dentre as diferentes percepções sobre o espaço, e para além da Geografia, a visão Durkheimiana entende que o espaço é algo externo aos indivíduos. Neste sentido, o espaço é um fato social. A percepção que os sujeitos têm acerca do espaço é diferenciada, aspecto próprio das relações entre objeto e sujeito. Apesar das diversas concepções sobre o espaço, este não é formado pela soma do pensamento social sobre ele, mas possui um aspecto próprio que é percebido de formas variadas pela sociedade, dependendo das concepções culturais dos sujeitos.

Há ainda os estudos que desconsideram o espaço nas análises sociais. Milton Santos (2002) analisa o estudo de dois autores – Parsons e Smelser – que propõem uma divisão do sistema social em quatro subsistemas, sendo eles: econômico, político, integrativo e mantenedor dos padrões. A referência ao espaço

não é vista neste estudo, o qual exclui a dimensão espacial do estudo social. Mesmo nos escritos de Karl Marx, autor significativamente utilizado pelos geógrafos para abordar questões econômicas e sociais, não é possível encontrar referência explícita ao espaço como uma instância social, aparecendo apenas como fragmentos reflexivos em meio aos temas abordados nas obras do autor.

Seguindo a linha de pensamento de Claude Raffestin, é pertinente afirmar que o espaço é anterior ao território, sendo, portanto, através do espaço que se formam os territórios. O território é uma parte do espaço onde foi inserida alguma atividade, e as relações que se estabelecem no espaço são determinadas por poder. “O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). O espaço pode ser considerado, neste sentido, anterior a qualquer tipo de ação humana.

O território está apoiado no espaço. Ele é constituído através de uma produção no espaço, e como produção, envolve relações de poder. Todas as construções da realidade são relações de poder. Quando existem ações no espaço, este deixa de ser o espaço original e se torna uma representação espacial. Portanto, sobre um mesmo espaço pode haver diversas representações espaciais. Em todas as esferas da sociedade encontram-se atores que configuram e reconfiguram o espaço, desde o Estado até os indivíduos em si. As empresas privadas também têm papel fundamental na formação das representações territoriais no espaço. Através do conjunto entre energia e informação, os indivíduos constroem relações de produção e, consequentemente de poder.

Cotidianamente os indivíduos esbarram em limites, alguns mais fluídos outros representados pela rigidez, e na Ciência geográfica, quando tratado o conceito de limite, automaticamente se torna possível pensar no conceito de território.

> Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço [...] Delimitar é, pois, isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

Os limites podem constituir-se de forma linear, mas também em zonas. Estas limitações criadas nos territórios, com base no espaço, são as fronteiras. As fronteiras são um instrumento de poder, quando podem representar uma

determinada ideologia. Raffestin (1993) analisa que as “quadrículas”, que são os espaços demarcados através de limites, são as expressões de um projeto social que resulta do entrelaçamento dos modos de produção e das relações de poder, envolvidos em um campo ideológico. Assim, o território constitui-se enquanto instrumento para o exercício do poder, sendo uma delimitação espacial regida por relações humanas de poder.

Howard (*apud* HAESBAERT, 2011) afirma que não podem existir territórios sem que haja algum tipo de limite, ou fronteira, mais especificamente. Mas também não podem existir as fronteiras sem que haja disputas entre os homens. Howard estudou as questões territoriais através das relações entre os pássaros e seus territórios. Estes estudos são parte de uma linha que aborda as concepções naturalistas para o entendimento social. Assim como Di Méo (*apud* HAESBAERT, 2011, p. 45) que defende que “a concepção mais primitiva de território é a de um ‘espaço defendido por todo animal confrontado com a necessidade de se proteger’”.

Acima de tudo, as fronteiras não são fenômenos naturais, mas uma produção histórico-cultural. Essa ideia foi expressa no filme brasileiro “Xingu” (2012), quando o personagem representante de Claudio Villas-Bôas apregoa a seguinte ideia acerca do território indígena: “eles nunca tiveram fronteiras, mas agora, fronteira era a melhor coisa que eles podiam ter”. A frase presente no filme demonstra o sentido de fronteira. De um lado, limitação, mas por outro, segurança. O sentir-se seguro está intimamente ligado com o conceito de fronteira, seguro contra a invasão do “Outro”, seguro contra tudo quanto for distinto, além da sensação de confiança da preservação daquilo que é “seu”, do já conquistado. As fronteiras são elementos de significativa complexidade.

Michel Foucher (*Apud* MENEGOTTO, 2004, p. 19) analisa a fronteira sob importantes ângulos:

> As fronteiras são estruturas espaciais elementares, de forma linear, com função de descontinuidade geopolítica e de delimitação, de marco, nos três registros do real, do simbólico e do imaginário. A descontinuidade se aplica entre as soberanias, as histórias, as sociedades, as economias, os Estados... as línguas e as nações. Na função de realidade, corresponde ao limite espacial do exercício de uma soberania nas suas modalidades específicas: linha aberta, entreaberta ou fechada. Na simbólica, remete à pertinência a uma comunidade política inscrita num território que é o seu; têm um sentido identitário. O imaginário conota a relação com o Outro,

> vizinho, amigo ou inimigo, e portanto a relação consigo mesma, com a própria história e com seus mitos fundadores, ou destruidores.

Assim, a fronteira não se encontra apenas no aspecto limite territorial, mas também no sentido cultural. As aproximações com determinados elementos, criam distinções com outros tantos, e neste sentido se estabelecem diferenciações e limites. Nesta categoria, o limite linear já não se apresenta de modo tão nítido quanto em relação ao limite geopolítico, mas de modo subjetivo nas relações sociais cotidianas. Essas fronteiras culturais estão relacionadas ao pertencimento ou não ao lugar, como os aspectos regionais linguísticos ou da tradição.

Dos autores pioneiros nos estudos sobre fronteira, Frederick Jackson Turner entendia que esta poderia se considerada como sinônimo de região, um espaço a ser conquistado e colonizado. Turner se utilizou deste conceito em seu estudo sobre a história da colonização do Oeste dos Estados Unidos, durante os séculos XVIII e XIX (MYSKIW, 2011). A complexidade das fronteiras foi também problematizada por Martins (2009, p. 10) através de sua experiência de pesquisa nas fronteiras do interior do Brasil (especialmente na fronteira amazônica): “é na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem”. Justamente por ser a fronteira o contato com o “Outro” é que se estabelecem as múltiplas relações, grande parte delas conflituosas. Assim, o autor considera as fronteiras como lugares da alteridade.

Os diversos atores sociais, produtores das territorialidades, buscam relacionar-se. Estas relações são marcadas por distanciamentos e aproximações, se afastam e se aproximam constantemente. Essa dinâmica dos relacionamentos é a responsável pela configuração de outro conceito importante para a Geografia, o das redes. “Toda rede é uma imagem do poder ou, mais exatamente, do poder do ou dos atores dominantes” (RAFFESTIN, 1993, p. 157). O sistema territorial é, portanto, um produto e um meio de produção.

Em um mesmo momento, os homens vivem os processos territoriais e também os produtos territoriais, através das relações de existência ou de produção. Sendo estas caracterizadas como relações de poder, seja entre os homens ou do homem com o meio. O fator que define as territorialidades é a alteridade, seja na forma do espaço ou nos próprios indivíduos. “Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam

num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema" (RAFFESTIN, 1993, p.160). Já Haesbaert (2011, p. 73) define que "territorialidade é o conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural [...] o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em um sentido estrito".

As territorialidades se constroem através das relações que se estabelecem, sejam elas de troca ou de comunicação. Não é pertinente aos pesquisadores considerar a territorialidade apenas como ligação com o espaço, como afirma o determinismo. Mas, relevar as relações presentes, apesar das diferenciações entre os diversos atores. "A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas" (HAESBAERT, 2011, p. 161). Para Ratzel (*Apud* HAESBAERT, 2011, p. 66) "é no elo indissociável entre uma dimensão natural, física, e uma dimensão política [...] do espaço que o território se define".

Paul Claval (2002) versa sobre as transformações no pensamento geográfico, percebendo que os novos enfoques da Geografia buscam compreender o espaço como "palco" onde as representações se desenrolam. Assim, "existe uma relação estreita entre a intriga apresentada e o cenário onde acontece" (CLAVAL, 2002, p. 33), aproximando-se daquilo que os geógrafos tem buscado construir na ciência, a relação entre o meio físico e as ações humanas, em uma percepção integradora.

O autor analisa que o conjunto entre relações humanas com o meio físico possui uma unidade, e esta unidade pode ser chamada de "lugar", assim, os múltiplos lugares relacionados formam o que se chama de "território". Deste modo, os variados lugares oferecem possibilidades diferenciadas às pessoas através das múltiplas representações possíveis.

Claval (2002, p. 35) se propôs a analisar as visões sobre o espaço através dos enfoques naturalista, funcionalista e cultural. Ele conclui que:

> O espaço do enfoque naturalista era feito de um mosaico de ecossistemas – ou de geosistemas. O do enfoque funcionalista era organizado e hierarquizado pelas redes que neles desenvolviam. O do enfoque cultural também é distinto, mas as diferenças significativas que nele se descobrem não se inscrevem no registro das categorias positivas.

O autor explica que o enfoque cultural – que embora esteja sendo difundido, ainda encontra algumas limitações dentro do pensamento geográfico – se preocupa com a forma pela qual as realidades são sentidas pelos homens, revivendo o significado do “sagrado”, sem que se faça um julgamento sobre isso, mas buscando a compreensão dos motivos que levam ao sentimento de proximidade com os elementos naturais ao ponto de considerá-los sagrados.

Os conceitos não são imutáveis. Construídos em conjunto com as transformações sociais acomodam-se ao contexto histórico (social, político, econômico) de cada momento. A própria definição de território sofreu diversas modificações ao longo do tempo, passando de uma delimitação exclusivamente material do território para uma visão mais relativa, onde as relações humanas definem as múltiplas territorialidades do espaço. A ideia de território flexível e que possui um valor simbólico é crescente entre os geógrafos, embora os conceitos estejam sempre em discussão.

Aos geógrafos, além dos conceitos, é relevante compreender a dimensão de poder que é intrínseca aos territórios e às fronteiras. Harvey (2011) apresenta uma discussão importante neste sentido quando percebe que o domínio do tempo e do espaço são fatores que favorecem a obtenção de lucros. Do mesmo modo que, tendo-se dinheiro é possível dominar o espaço e o tempo, obtendo-se ainda mais lucros. Portanto, a dimensão simbólica dos elementos apresentados (espaço, território, fronteira) está intrinsecamente relacionada ao poder sobre estes elementos, o controle sobre os atores sociais e a aquisição de dinheiro.

O conceito de transfronteiriço é discutido de forma mais escassa pela Geografia (ideia relativamente recente), sendo geralmente ligado à noção de “região transfronteiriça”. O conceito de região é alvo de discussões na Ciência Geográfica, especialmente sobre a condição de se ainda é possível se pensar em uma região, frente ao mundo fragmentado contemporâneo. Santos (2006, p. 165) afirma que “as condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional. Mas isso não suprime a região, apenas ela muda de conteúdo”. O autor defende que nunca antes a ideia de região representou um fenômeno tão complexo quanto o é hoje. Diante das discussões que permeiam a Ciência Geográfica em relação ao conceito de região, neste trabalho este não foi elencado como conceito básico, preferindo-se usar a ideia de condição transfronteiriça ou de relações transfronteiriças.

A ideia de rede parece enquadrar-se também às discussões propostas por este trabalho, no sentido proposto por Milton Santos (2006) de que a mundialização das redes enfraquece as fronteiras. Em especial na fronteira elencada por este trabalho para análise, as redes são formadas pelos aspectos políticos, econômicos e sociais, enfraquecendo a rigidez das fronteiras nacionais e criando condições para que as relações com base no consumo sejam possíveis.

Haesbaert (2014) analisa que as conexões transfronteiriças se manifestam tanto sob uma lógica reticular (redes) – as quais podem ser esquematizadas com base nas relações de trabalho, comerciais, culturais, etc. – bem como também sob a lógica zonal, a qual seria constituída por uma expansão significativa de "regiões" brasileiras ao interior de países vizinhos. No caso específico de Foz do Iguaçu-Ciudad del Este, seria possível pensar em um esquema de conexões transfronteiriças com base em uma lógica de redes, pois diariamente são formadas conexões entre os dois municípios, mas especialmente entre as pessoas que tornam essa rede possível.

São os brasileiros que se deslocam para trabalhar no comércio de Ciudad del Este, os empresários que moram em Foz do Iguaçu, mas possuem suas empresas no Paraguai, existem ainda aqueles que se deslocam aos outros grandes centros produtores (China, por exemplo) para comprar produtos e revendê-los no comércio de Ciudad del Este, feirantes e vendedores informais que cruzam a fronteira diariamente, fiscais, policiais, mototáxistas, ônibus e os consumidores que cruzam a Ponte Internacional da Amizade de muitos modos (carro, caminhando, motocicleta, ônibus, bicicleta, etc.), mas também os paraguaios que se deslocam em direção ao Brasil, por razões múltiplas.

No contexto apresentado é preferível não tratar a questão com o enfoque de região transfronteiriça, mas sim de conexões transfronteiriças ou então condição transfronteiriça, uma vez que não se trata de uma região, mas de um aspecto que é possível por meio das relações de consumo estabelecidas entre os dois países, em especial entre as cidades gêmeas da fronteira, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

O conceito de transfronteiriço está relacionado com a ideia de redes. Com base em Raffestin (1993) é possível se pensar nas redes como meios capazes de produzir o território. Assim, as territorialidades estariam intimamente ligadas à densidade e a diversidade das redes que se estabelecem naqueles (MACHADO, 1998). Segundo a autora, as redes poderiam ser caracterizadas por redes de

infraestrutura ou técnicas – as quais envolvem os transportes e as comunicações; as redes transnacionais – questões políticas e econômicas, e ainda as redes informacionais ou cognitivas. Há, porém, uma complexidade intrínseca a esta noção de redes, que se constitui justamente na presença da fronteira. Inevitavelmente quando se pensar em fronteira, pensa-se também em limite, assim, uma análise que leve em consideração as redes que se estabelecem no ambiente de fronteira, deve também relevar a presença de um aspecto limitante às relações, a própria fronteira. Diante do exposto, a ideia de relações (ou condições, ou aspectos, etc.) transfronteiriças parece melhor se encaixar aos objetivos propostos para análise nesta pesquisa.

2.3 A SOCIEDADE DE CONSUMO E O CONSUMO NA GEOGRAFIA

No ano de 1963, em Paris, Pierre George publicava "*Géographie de la consommatio*n", e se propunha a compreender as modalidades de consumo, rejeitando as ideias superficiais de definição dos países como subdesenvolvidos ou desenvolvidos, mas percebendo que "a condição humana se diversifica pela natureza e volume dos bens de consumo e prestação de serviços dos quais os grupos humanos se beneficiam" (GEORGE, 1971, p. 07). O autor reconheceu a pouca ênfase dada à temática do consumo, alegando que "a tomada de consciência do interesse do conhecimento geográfico e social do consumo [...] data de poucos anos, e os métodos de pesquisa ainda estão em fase de experimentação" (GEORGE, 1971, p. 09).

O contexto em que este livro foi escrito é muito diverso daquele vivido pelos brasileiros hoje, mas a produção relativamente escassa de pesquisas sobre o consumo continua existindo, mesmo com os avanços tecnológicos que permitem uma melhor coleta de dados e o crescente número de pessoas ingressando no Ensino Superior, aptas à realização de pesquisas. A temática sobre o consumo parece, por vezes, negligenciada.

Embora Milton Santos (2003, p. 49) já tenha explicitado que "o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema da ideologia", poucos são os autores que apostam nos estudos sobre a "Geografia do Consumo". Grande parte apenas discute a problemática de

forma bastante simplificada. Para Ory (1976-1977), o consumo enquanto temática geográfica recebe um tratamento marginalizado na ciência devido a duas causas principais: a própria história da Ciência Geográfica, com os estudos pioneiros, como de Humboldt, com a abordagem do viés natural. Derivando deste os estudos que analisam as questões ambientais, dando-se maior ênfase ao processo de produção como intervenção no meio, deixando-se o consumo em segundo plano. E de outro lado, pela própria história humana, quando a produção, por muitos séculos, era realizada principalmente para a satisfação das necessidades básicas humanas. Sendo visto, apenas recentemente, o consumo massivo baseado em criação de necessidades, e o descarte exorbitante de coisas produzidas. A temática “consumo” é relativamente recente, não contando com muitas contribuições por parte dos geógrafos. Entre os geógrafos, há ainda uma predominância de abordagens sobre a produção, ficando o consumo marginalizado na maior parte dos estudos.

Para Ory (1976-1977), a importância da abordagem sobre o consumo na Geografia se deve à própria importância que o consumo possui para a existência humana. Assim, sem consumir, é impossível existir. A satisfação do consumo se consome nela própria, de modo que ao consumir (destruir, extinguir) algo, pronto se está para um novo consumo.

As análises sobre o consumo são ainda um desafio aos geógrafos, diante da complexidade que envolve o tema.

> Trata-se de um grande desafio, pois elaborar um olhar geográfico-reflexivo sobre o consumo não é tarefa fácil, devido às diversas contradições presentes nessas relações. Além disso, este olhar deve primeiro reconhecer as articulações entre a produção, a circulação, o comércio e o consumo, dentro do processo de generalização da mercadoria, para, posteriormente, analisar os impactos dessas atividades no espaço (ORTIGOZA, 2009, p. 16).

Assim, boa parte dos estudos geográficos que abordam o consumo está relacionada com a Geografia Urbana, em uma busca por compreender a materialização das relações de consumo no espaço urbano. De modo que, através do processo de produção e consumo, os espaços são representados, e o consumidor age como espectador e ator dos dramas urbanos.

Cachinho (2012, p. 48) explana sobre os espaços do consumo,

> Os espaços de consumo que dão vida à cidade, enquanto realidade material, funcionam apenas como uma pré-condição da sua existência. São necessários, porque fornecem o palco, os cenários e os textos para as representações que alimentam as experiências do consumo, mas de forma alguma são suficientes, porque é no plano simbólico e em diálogo com o consumidor que o espetáculo, as representações e as narrativas são construídas.

Portanto, as relações de consumo são essenciais na configuração da formação espacial, por meio da criação das representações ou simulações neste espaço. Com o advento da globalização e a fluidez das fronteiras entre os Estados, estabelecem-se relações comerciais entre os mais diversos lugares do mundo, criando fluxos antes impensados. Essa abertura comercial e a relação rigidez/flexibilidade que se altera no contato entre os alheios, abre possiblidades de abordagens na Geografia. “Os limites definidos entre os diversos espaços vão se tornando sutis, e há uma forte tendência à mundialização das culturas, dos valores e comportamentos, principalmente aqueles ligados ao consumo” (ORTIGOZA, 2009, p. 30). As investidas em favor da mundialização dos hábitos culturais de consumo enfrentam fatores de resistência que prezam pelos costumes locais, como a prática da troca de produtos entre pessoas conhecidas (alimentos, roupas, empréstimo de maquinários agrícolas, troca de serviços, etc.).

A ligação com base no consumo que se estabelece entre os vários lugares, permite que haja a criação de múltiplos espaços de consumo, produzindo e reproduzindo as relações sociais e espaciais continuamente. A incorporação de aspectos culturais estrangeiros ao lugar permite a materialização destes no espaço, imprimindo no local os aspectos do global. Assim, são atribuídas ao lugar novas significações. Sobre a relação do lugar com o consumo, Carlos (2014, p. 173) analisa que

> É no plano do lugar que é possível, por exemplo, entender a racionalidade homogeneizante inerente ao processo de acumulação que não se realiza apenas produzindo objetos e mercadorias, mas liga-se, cada vez mais, à produção de um novo espaço, de uma divisão e organização do trabalho, de modelos de comportamento que induzem ao consumo revelando-se como norteadores da vida cotidiana.

Os usos do espaço se dão dentro de uma lógica capitalista baseada em consumo. Deste modo, a configuração espacial se molda para que os fluxos sejam intensificados, sejam eles de pessoas ou de mercadorias. O próprio espaço torna-se mercadoria em uma sociedade que atribui valor de troca a todas as coisas e, esse valor de troca só pode ser concretizado através da criação contínua de necessidades de consumo. “Os capitalistas são obrigados a redobrar seus esforços para criar novas necessidades nos outros, enfatizando o cultivo de apetites imaginários e o papel da fantasia, do capricho e do impulso” (HARVEY, 2011, p. 103). Neste mesmo sentido, Lipovetsky (2007) analisa que as comodidades materiais que outrora proporcionavam grande satisfação, de maneira rápida se transformam em rotina e acabam por se tornar menos atraentes. Assim, para o autor, o conforto e o prazer não se confundem, mas se excluem, uma vez que a sensação de conforto é agradável por algum tempo, mas logo se torna exaustiva, e novas fontes de prazer são necessárias.

A criação de necessidades é a base da manutenção da sociedade consumista. O sentido original de necessidade está relacionado à satisfação básica de sobrevivência, e neste sentido, todos os homens ocupam um patamar de igualdade. Conforme reflexão de Baudrillard (2010), a lógica da criação de necessidades, supostamente, segue no sentido primário do termo, na busca pela equiparação entre os homens, permitindo uma qualidade de vida e bem estar comum. Fato que não se concretiza na sociedade contemporânea. Assim, a abundância como promessa de progresso não passa de um mito.

“Não existe, nem nunca existiu ‘sociedade de abundância’ ou ‘sociedade de penúria’, já que toda a sociedade, seja ela qual for e seja qual for o volume dos bens produzidos ou da riqueza disponível, se articula ao mesmo tempo sobre um excedente estrutural e sobre uma penúria estrutural” (BAUDRILLARD, 2010, p. 54-55). Deste modo, a criação de necessidades não tem como intuito gerar a possiblidade de consumo igualitário entre os homens, mas sim, acirrar a velocidade da compra e do descarte de produtos, sem que haja condições similares de consumo a todos. As desigualdades são as bases do próprio capitalismo, portanto, não serão sanadas com a abundância do consumo. Ao contrário do que normalmente divulga-se, o suposto crescimento econômico não tem por função esgotar com as desigualdades entre os homens, mas acaba sendo um intensificador

destas. As oportunidades de consumo nunca serão igualitárias na sociedade capitalista, por maior que seja a quantidade de bens produzidos.

Quando analisada a volatilidade das relações que se estabelecem na sociedade de consumo, logo se pode pensar na ideia de "liquidez" abordada por Bauman (2001, p. 89), o qual analisa que "a história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos 'sólidos' que limitam o voo livre da fantasia e reduzem o 'princípio do prazer'". Quando o autor se remete ao "princípio do prazer" está fazendo menção às teorias de Sigmund Freud, quando aquele analisa que os homens vivem em função deste princípio, o qual se baseia na necessidade de gratificação imediata. E quando Bauman menciona os "sólidos", nada mais são que os empecilhos que limitam o consumo satisfatório e imediato. Além de Bauman, é possível se pensar em Marshall Berman, quando com base na ideia de Karl Marx, afirma que "tudo o que é sólido se dissolve no ar" (BERMAN, 1989, p. 15). O autor discorre sobre a sociedade moderna, na qual todas as coisas parecem tornar-se ultrapassadas de forma demasiadamente rápida, e tudo quanto era considerado como correto até um momento, em outro pode ter sido superado por uma ideia mais nova. Essa ideia define a sociedade com base no consumo, na qual nada é bom o suficiente para ser mantido por muito tempo, mas a necessidade de satisfação imediata deve ser buscada no novo.

Nesta sociedade de consumo, em que o sólido se dissolve no ar, a vastidão de mercadorias disponíveis aos consumidores e a condição "obrigatória" de incluir-se nestes padrões de consumo, torna os indivíduos confusos em relação ao que ainda denota segurança. Berman (1989, p. 105) analisa a sociedade moderna e sua fluidez. As ideias do autor parecem adequar-se de modo simétrico à forma como a sociedade de consumo molda os sujeitos.

> Para que as pessoas sobrevivam [...] qualquer que seja sua classe, devem ter personalidades capazes de assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres [...] precisam de aprender a ansiar pela mudança: não apenas estar preparados para mudanças na sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca delas, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. **Precisam de aprender a não lamentar com nostalgia as 'relações fixas, imobilizadas' de um passado real ou fantasiado, mas a deliciar-se com a mobilidade, a empenhar-se na renovação** a

> olhar sempre na direção do futuro desenvolvido das suas condições de vida e das suas relações com os outros seres humanos[3].

A explanação de Berman parece definir o pensamento predominante em uma sociedade de consumo, onde a renovação deve ser constante e os indivíduos precisam se dedicar para tal feito. Os objetos tornam-se obsoletos rapidamente e apegar-se ao "velho" é estar fora dos padrões. As obsolescências são as marcas deste tipo de sociedade, e geralmente são planejadas, de modo que haja uma troca frequente de bens de consumo antigos por outros novos e mais modernos. Na lógica da sociedade consumista todas as pessoas são transformadas em mercadorias (reificação)[4] e tornadas consumidoras em potencial.

José de Souza Martins (2008), em análise da sociedade capitalista, afirma que o sistema tem o objetivo de incluir as pessoas, mesmo que para isso seja necessário romper com os valores tradicionais da sociedade. Assim, todos os indivíduos devem seguir alguns padrões, primeiramente tornando-se trabalhadores ou compradores da força de trabalho. Em segundo lugar devem tornar-se consumidores das mercadorias produzidas. Ele afirma ainda que "nesta sociedade, não há como sobreviver sem se tornar consumidor, ainda que consumidor de menor riqueza do que aquela em cuja produção esteve envolvido" (MARTINS, 2008, p. 121).

Embora pouco abordado na Geografia, o consumo é amplamente discutido em outras ciências e, derivam justamente dai as principais contribuições ao tema. Lipovetsky (2007, p. 60) aponta para a importância da temática:

> Frenesi consumidor, mutilação da vida: no rastro traçado pela crítica marxista da religião, filósofos e sociólogos não deixaram de interpretar **a propensão a comprar como um novo ópio do povo**, destinado a compensar o tédio do trabalho fragmentado, as falhas da mobilidade social, a infelicidade da solidão. **"Sofro, logo compro"**:

[3] Grifos meus.

[4] Com base nas ideias de Karl Marx, Reificação se refere à transformação das propriedades, ações e relações dos homens em coisas produzidas pelo homem. Em uma linguagem mais simples, consiste na transformação do próprio homem em uma coisa, algo que não se comporta de forma humana, mas regida pela lei dos objetos. Assim, a Reificação é um tipo de alienação, pois o sujeito não se reconhece enquanto tal, mas age como objeto, passível de manipulação (BOTTOMORE, 2001).

> quanto mais o indivíduo está isolado ou frustrado, mais busca consolos nas felicidades imediatas da mercadoria.[5]

Talvez a problemática de maior notabilidade sobre o consumo na Geografia seja a questão ambiental. Diversos autores sentenciaram o consumismo contemporâneo como fator responsável pela massiva degradação ambiental e suas consequências. Leff (2011, p. 09) analisa que "a sustentabilidade é o significado de uma falha fundamental na história da humanidade; crise de civilização que alcança seu momento culminante na modernidade, mas cujas origens remetem à concepção do mundo que serve de base à civilização ocidental". A crise que se apresenta é, acima de tudo, uma crise de percepção e de valores, cuja procedência está relacionada com o próprio sistema econômico-social vivido pelo mundo moderno.

A sociedade consumista tem sua base em um sistema de trocas, onde o valor de troca é favorecido em detrimento ao valor de uso. Para que as trocas sejam possíveis, são retirados demasiados recursos do ambiente. Assim, ainda conforme o autor "a degradação ambiental se manifesta como sintoma de uma crise de civilização, marcada pelo modelo de modernidade regido pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza" (LEFF, 2011, p. 17). Deste modo, a natureza é vista como recurso disponível à humanidade, percebida enquanto valor de troca.

O meio natural é compreendido de modo fragmentado, enquanto o ideal seria que o mundo fosse entendido através de uma visão holística, conforme já proposto por Capra (1996, p. 41): "o pensamento sistêmico é contextual, o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo".

Ao isolar os elementos naturais, há uma predominância em se sobrepor o homem aos demais seres vivos. A visão sistêmica defendida por Capra tem por objetivo perceber o homem como parte da Terra, não como dominador desta. Neste mesmo sentido de uma visão integradora, Moreira (2006, p. 75) analisa a natureza:

> A natureza é o movimento em que as formas saem umas das outras, a vida da matéria sem vida, a matéria sem vida da matéria viva, num mundo que dialeticamente ora é equilíbrio e ora desequilíbrio, ora

[5] Grifos meus.

> ordem e ora desordem, ora cosmos e ora caos, um saindo do outro, um outro sendo o ser e o não-ser, num devir em que o real não é um nem outro, e ao mesmo tempo é um e o outro, o equilíbrio dando luz ao desequilíbrio e o desequilíbrio dando luz ao equilíbrio, a ordem à desordem e a desordem à ordem, esta sucessão de mediações sendo o real-concreto. Do qual a senso-percepção só alcança o lance, confundindo o verdadeiro como um mundo de formas.

Essa relação dialética entre homem e meio, com base em um sistema que busca a exploração da natureza com a finalidade de obter lucros, é alvo de estudos na Geografia. O consumo por vezes fica em um segundo plano, dando-se mais ênfase às consequências da degradação ambiental do que ao problema ocasionador em si, embora o problema ambiental esteja intimamente relacionado ao consumo. Neste sentido, Konder (1983, p. 25) afirma que "a existência de necessidades supérfluas, aliada ao esforço de propaganda das empresas, e a falta de planejamento da utilização dos recursos naturais são os principais pilares da atual destruição ambiental e esgotamento de recursos naturais".

É fundamental que o consumo seja debatido na Ciência Geográfica, tendo em vista que os padrões consumistas contemporâneos são responsáveis pela exploração insensata da natureza. Milton Santos (ENCONTRO, 2006) afirmou enfaticamente que o consumismo é hoje o maior dos fundamentalismos – sacralizado, que não permite ser profanado – em documentário produzido por Silvio Tendler em 2006[6]. O consumo, como fator social, tem a capacidade de transformar os espaços, para que sejam adaptados à finalidade consumista, alterando assim também a paisagem.

Não somente o descarte de bens consumidos no ambiente degrada o mesmo, mas também a vasta retirada de matéria-prima para fabricação dos produtos lançados ao mercado agride a natureza. Com o fenômeno do incentivo ao consumo para diversas classes sociais, uma maior quantidade de bens é produzida e consequentemente maiores são as intervenções no ambiente: como a retirada de recursos naturais, muitos dos quais não renováveis; a adaptação espacial ao fluxo de pessoas e mercadorias; a abertura de novas estradas; construções variadas,

[6] O documentário chama-se "Encontro com Milton Santos: O Mundo Global Visto do Lado de Cá", dirigido por Silvio Tendler, e produzido no ano de 2006. O documentário é baseado em uma entrevista de Milton Santos, na qual são abordados temas relativos à globalização, analisando suas consequências em nível global e local. Neste, Santos fala sobre o consumo, e analisa que hoje consumir possui um caráter de religiosidade, no sentido de ser algo sagrado, e que não pode ser profanado, um fundamentalismo.

acessos antes inexistentes. Assim, a questão do consumo está intimamente ligada à degradação de meio.

Santos (2003, p. 127) analisa que “a vida cotidiana abrange várias temporalidades simultaneamente presentes”, o que conduz ao entendimento de que os diversos indivíduos percebem de maneiras particulares a paisagem ou os acontecimentos sociais. Deste modo, um olhar único não é capaz de reter toda a complexidade de um fenômeno, mas os múltiplos olhares criam representações que dão sentido ao objeto. Assim também, a paisagem da fronteira é formada pelas experiências dos que de alguma forma a vivenciam, emitindo sobre ela seu próprio olhar, construindo um espaço de complexidade singular.

A paisagem na fronteira possui um aspecto metamorfoseado, transformado em favor das relações de consumo, fato que pode ser percebido pela quantidade de *outdoors* que anunciam aos visitantes – consumidores – o que poderão encontrar do “lado de lá” da fronteira. Mas, a paisagem não é constituída apenas pelas ruas ou o comércio característico, a paisagem é formada pela presença e ação humana, pela forma como as pessoas se dispõem ao longo do espaço.

Aquela paisagem clássica, aprendida na escola, composta por verdes campos ou praias sonhadas, há tempos tornou-se privilégio de poucos. Enquanto uma nova paisagem tem sido apresentada aos sujeitos nos mais vastos lugares do planeta. Uma paisagem construída sobre anseios humanos, anseios estes, também construídos. Esta nova paisagem que se torna cada vez mais acessível à população, são os “templos do consumo”, nos quais a sacralidade consumista se faz presente, acolhendo os desejos mais íntimos dos sujeitos. A paisagem urbana – e não somente a urbana – se transforma em favor das “necessidades” humanas de consumo, adequando-se à contemporaneidade e suas exigências.

Santos (2006) analisa que há uma transformação espacial relacionada aos hábitos de consumo da sociedade. O autor explana especificamente sobre as redes em uma sociedade com suas bases na produção, sendo que estas se limitavam a uma pequena vida de relações, já que as comunidades tinham suas necessidades básicas satisfeitas quase em sua totalidade localmente. O autor percebe que nesse período “o tempo era vivido como um tempo lento” (SANTOS, 2006, p.178). Com a constituição de uma sociedade de consumo, a noção de rede torna-se mais complexa, envolvendo questões políticas e econômicas, sendo que “quanto mais avança a civilização material, mais se impõe o caráter deliberado na constituição de

redes" (SANTOS, 2006, p. 178). Assim, a configuração espacial está intimamente ligada ao desenvolvimento material das sociedades.

Torna-se relevante compreender que quando há uma sociedade que se reproduz com base no consumo de bens, há também uma forte relação com as questões comerciais e com o próprio trabalho. A constituição de uma sociedade de consumidores "obriga" os indivíduos a adequarem-se aos padrões que atendam as necessidades deste modo de reprodução. Em uma sociedade de consumo, os indivíduos antes são vistos como consumidores do que cidadãos. Santos (1998) discorre sobre a condição de consumidor do brasileiro, sobretudo após a instituição do Código de Defesa do Consumidor, o qual tem por finalidade a proteção dos direitos dos consumidores, sendo instituído no ano de 1990. Assim "há muito mais espaço para o consumidor, esse espaço legitimado agora com o código do consumidor, e nada para o cidadão. Dessa forma, **torna-se mais fácil aceitar um mundo onde são as coisas que comandam, e não os valores**"[7] (GOMES, 2011, s/p.).

Entende-se que ao longo dos anos foram criadas estratégias para legitimar essa sociedade consumista, de modo que as pessoas se enquadrassem sem muito questionar. Assim, ser consumidor é assumir um papel primordial nesta sociedade. Bauman (2008, p. 188) compartilha da mesma ideia quando conclui que "tornar-se consumidor exige um nível de vigilância e esforço constantes que dificilmente deixa tempo para as atividades que tornar-se cidadão demanda".

Canclini (2010) defende que as práticas de consumo na América Latina foram influenciadas pela sociedade consumista estadunidense, o que pode ser percebido por meio do consumo dos brasileiros na atualidade, o qual lembra em demasia os supérfluos que eram visíveis apenas nas nações desenvolvidas até pouco tempo. O consumo no Brasil sofreu intensas transformações nos últimos anos, especialmente por meio das políticas de crédito adotadas pelos governos mais recentes. Neste sentido, cabe refletir, ainda que brevemente, sobre a história do consumo no Brasil.

Volpi (2007) discorre acerca da história do consumo no Brasil, desde o Mercantilismo até os estágios mais contemporâneos. Em especial, ele analisa a influência dos meios de comunicação na transnacionalização dos hábitos de consumo. O século XX merece destaque neste sentindo, pois representa o período

[7] Grifos meus.

em que foi possível presenciar no Brasil um forte avanço da urbanização e industrialização. Momento este em que muitas pessoas tiveram acesso a um modo de vida que antes era impensado por elas. Os sujeitos tiveram que deixar para trás os antigos hábitos da vida rural, por exemplo, as trocas de produtos alimentícios entre vizinhos, para viver em dependência dos mercados, e certamente que não foi uma tarefa simples de imediato. De outro lado, a vida nos centros urbanos trouxe alguns confortos, como a possibilidade de se ter uma geladeira ou mesmo ou televisor, ainda que em preto e branco.

O acesso aos televisores apresentou aos indivíduos um mundo de consumo que até aquele momento eles não haviam tido contato, especialmente através dos filmes de *Hollywood* (VOLPI, 2007). Como marco histórico do progresso do consumo no Brasil, pode ser pensado especialmente o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960), o qual com base em sua meta de desenvolvimento que ficou conhecida como “50 anos em 5” possibilitou o investimento estrangeiro na economia brasileira. A presença de empresas estrangeiras no país trouxe consigo as inovações do mercado globalizado, implantando as bases do consumismo no Brasil, criando novas modalidades de consumo, especialmente pautadas no estabelecimento de necessidades.

Com a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), a economia brasileira sofre maior intervenção do Estado, contribuindo para que houvesse um amplo desenvolvimento na infraestrutura, o que favoreceu os interesses dos grupos capitalistas nacionais e internacionais. Com recursos obtidos por meio das instituições internacionais de crédito, realizaram-se investimentos nas áreas das telecomunicações, também na construção de estradas e a implantação de um sistema de transportes rodoviário, bem como a construção de sistemas de geração de energia elétrica, dentre outros (ECONOMIA, [2005?]). Estes fatores influenciaram o aumento da produção e diversificação das mercadorias disponíveis ao consumo. As medidas em questão contribuíram para expansão das relações internacionais comerciais do Brasil.

Até o término da década de 1970, o Brasil já havia construído relações comerciais internacionais, as quais se apresentavam relativamente consolidadas. Assim, o país também sofreu com as consequências da crise mundial do petróleo. Diante deste quadro, os efeitos da crise vão se refletir na década de 1980, com a hiperinflação, fechamento do mercado, não pagamento da dívida externa e os sucessivos fracassos dos planos econômicos (O BRASIL..., 2013). Durante a

década de 1980, o Brasil teve como Presidentes: João Baptista de Oliveira Figueiredo, Tancredo de Almeida Neves[8] e ainda José Ribamar Araújo da Costa Sarney, sendo que este último permaneceu no Governo de 1985 até 1990.

O Governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992) foi marcado pela expansão neoliberal, com a desregulação financeira e a privatização de estatais. Os índices de desemprego aumentaram com o fechamento de empresas, fator que em parte foi influenciado pela política de importação de produtos, desestimulando a produção interna (SOUZA, 2008). Neste período, diversas pessoas se submeteram a trabalhos informais, muitos dos quais exerceram a função de "sacoleiros", transportando mercadorias desde Ciudad del Este no Paraguai até as diversas regiões do Brasil. Atentando para o fato de que neste período Ciudad del Este teve grande expansão, sendo reconhecida como terceiro maior centro comercial mundial, ficando apenas atrás de Miami e Hong Kong.

Durante o primeiro Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), a taxa de câmbio estável – sendo o Real equiparado ao Dólar – incentivou o consumo de produtos importados, motivando ainda mais o comércio na fronteira entre Brasil e Paraguai. As taxas de desemprego mantiveram-se elevadas durante todo Governo FHC (1995-2002), o que fez com que a informalidade fosse a realidade de diversos trabalhadores na fronteira ainda durante o período em questão (SOUZA, 2008).

O Governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) inaugurou a "era do consumo" das massas no Brasil, quando uma grande parcela da população que antes não tinha acesso aos bens de consumo, agora poderia usufruir deste "benefício", seja por meio das políticas de auxílio ou de crédito, bem como as reduções de taxas e impostos. Elementar também foi a iniciativa de valorização do salário mínimo. As reduções nos preços dos produtos no comércio brasileiro também refletiram nas vendas em Ciudad del Este, já que com a redução dos impostos das mercadorias, tornou-se mais viável, em alguns casos, a compra no Brasil mesmo, evitando assim os deslocamentos e ainda usufruindo da garantia possível no Brasil.

O Governo PT, estendido por meio da presidência de Dilma Rousseff (2011-atual) manteve sua política de crédito e isenção de impostos (IPI), além dos

[8] Tancredo Neves foi eleito Presidente da República em 1985. A eleição por voto direto foi a primeira após duas décadas sob a Ditadura Militar brasileira. Tancredo faleceu antes da posse, deixando o cargo para José Sarney. Apesar das mudanças ocorridas, a redemocratização só foi consumada em 1988 com a promulgação da constituição, com a garantia dos direitos civis e políticos dos brasileiros.

subsídios para continuação do estímulo ao crescimento industrial aliado ao consumo em massa. Houve intensos investimentos no setor de bens de consumo duráveis, como a habitação, por meio do crédito para compra de residências, sendo também influenciado o consumo de automóveis, como jamais havia sido visto no Brasil.

Aliado a esta política, as importações também tiveram crescimento devido à estabilidade da moeda nacional perante a moeda estrangeira. No entanto, a ascensão ao mundo do consumo tem mostrado consequências preocupantes de ordem econômica, como o endividamento de boa parcela da população e a consequente inadimplência. Porém, para o Estado também surgem efeitos negativos. A demanda de consumo crescente mostrou-se além da oferta de produtos, estimulando o aumento da inflação e a compra de produtos importados. Isto contribuiu para o aumento dos gastos para o Governo, devido às medidas de controle inflacionário. Por outro lado, permanece o estímulo ao consumo de bens, por meio dos incentivos fiscais, gerando uma diminuição na arrecadação de receitas, condicionando um *déficit* do orçamento público.

Diante das transformações na economia brasileira, é na década de 1990 que o comércio em Ciudad del Este atinge consolidação, sendo que continua expressivo atualmente – embora não tenha mais tanta evidência quanto naquele período – atraindo consumidores de todo o mundo, mas principalmente do Brasil, com base nas oportunidades de um bom negócio. Muito embora as relações de consumo na fronteira tenham se alterado no decorrer dos anos, muitos aspectos permanecem e se emaranham com novos modos de consumir. Para compreender algumas relações com base no consumo de bens no ambiente fronteiriço elencado para o presente trabalho, no próximo capítulo será debatida a questão do consumo na fronteira, bem como da caracterização de uma fronteira do consumo. Assim, será abordada constituição histórico-geográfica da área escolhida, bem como a condição transfronteiriça será analisada.

CAPÍTULO 3 – A FRONTEIRA DO CONSUMO E O CONSUMO NA FRONTEIRA

3.1 INTRODUZINDO O CAPÍTULO

Diante dos conceitos já analisados neste trabalho, bem como do conhecimento formulado sobre a sociedade de consumo, as discussões que se seguem são o estudo do caso do consumo na fronteira, tendo como pressuposto a ideia de uma sociedade com base no consumo. Deste modo, cabe pensar nos elementos históricos e geográficos que permitiram a constituição de uma "fronteira do consumo", mas não apenas isso, e sim também conhecer alguns conflitos que permeiam as relações na fronteira, entendidos como elementos essenciais no processo de formação desta.

Portanto, no presente capítulo elaborou-se uma contextualização histórica e geográfica da área escolhida para análise do trabalho: a fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, as quais são conectadas pela Ponte Internacional da Amizade, principal via de acesso dos consumidores ao comércio em Ciudad del Este. Quando apresentada a ideia de "fronteira do consumo", não se trata da fronteira das condições de consumo entre os indivíduos que podem e aqueles que não podem consumir. Portanto, não se trata de discutir questões de exclusão ou inclusão precária ao consumo. Mas, entende-se a "fronteira do consumo" como elemento físico que dá acesso ao "paraíso" do consumo do "lado de lá".

Deste modo, caracteriza-se o ambiente fronteiriço em questão como "fronteira do consumo" devido à importância das relações com base no consumo que se desenvolvem nesta fronteira: trabalhadores e comerciantes que se deslocam entre os dois países, trabalhadores informais, consumidores de várias partes do mundo, turismo de compras, a linguagem que parece se adaptar às negociações, os conflitos e os acordos transfronteiriços.

A pesquisa aqui apresentada é relevante para o conhecimento das questões que formaram e que constituem o ambiente de fronteira, e que são em grande medida impulsionados pelas relações de consumo que se desenrolam neste ambiente. São as relações entre os indivíduos que moldam a fronteira, tornando-a mais flexível ou mais rígida, dependendo dos interesses envolvidos.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA ÁREA DE FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BR) E CIUDAD DEL ESTE (PY)

Figura 1 - Vista panorâmica da Ponte Internacional da Amizade
Fonte: http://www.panoramio.com/photo/522260

A imagem acima caracteriza a fronteira física entre os municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, as quais são separadas pelo Rio Paraná, mas que, por outro lado, são conectadas pela Ponte Internacional da Amizade. Com base na imagem é possível pensar nos aspectos que definem limites entre os territórios, os quais são ora rígidos e bem definidos, ora flexíveis e porosos.

***

Para este trabalho foi escolhida especificamente a parte da fronteira Brasil-Paraguai que compreende os municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, muito embora seja pertinente frisar que as relações transfronteiriças não se limitam ao ambiente fronteiriço analisado, mas compreendem diversas práticas que perpassam um lugar específico. Por exemplo, não se pode pensar que os produtos adquiridos em Ciudad del Este apenas cruzam a fronteira e encontram seu destino final, muitas coisas são transportadas para regiões diversas, até mesmo para outros países. Por isso as relações transfronteiriças de consumo não se esgotam na relação Foz do

Iguaçu-Ciudad del Este, embora seja esse eixo específico analisado pelo trabalho aqui apresentado.

A delimitação elencada é reconhecida pela expressividade das relações de consumo nesta. Os limites na fronteira são dificilmente definidos, uma vez que os deslocamentos se estabelecem por múltiplas formas: por meio das navegações (um dos meios mais utilizados para o transporte ilegal de produtos), por vias terrestres e pelo espaço aéreo. Portanto, torna-se relevante questionar: onde estão os limites?

Quando os limites são pensados em um ambiente de fronteira, é relevante compreender que existem aqueles aspectos limitantes estabelecidos formalmente, mas também aqueles criados culturalmente ou por interesses de um dos países envolvidos. Ao mesmo tempo em que é limite, a fronteira é também acesso ao alheio. No caso específico abordado por esta pesquisa, a questão envolve um ambiente de tríplice fronteira, o que o torna ainda mais complexo.

A imagem abaixo ilustra a Tríplice Fronteira, abrangendo a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Representa também as fronteiras naturais (físicas) que separam estes países. O Rio Paraná separando os municípios de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu e o Rio Iguaçu separando Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu. As duas primeiras possuem como meio de ligação a Ponte Internacional da Amizade, enquanto as duas últimas possuem a Ponte Tancredo Neves, ou Ponte da Fraternidade, como é mais conhecida.

Figura 2 - Tríplice Fronteira Brasil, Paraguai e Argentina
Fonte: http://veja.abril.com.br/080498/p_044.html

A Tríplice Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina é popularmente conhecida pelas práticas ilegais noticiadas nos meios midiáticos mundiais, as quais supostamente envolvem o tráfico de drogas e armas, contrabando, descaminho e tráfico de pessoas[9]. Além de suposições quanto ao tráfico de órgãos (BRASIL, 2014), crime organizado e ainda ligações de pessoas com práticas terroristas. As problemáticas neste sentido envolvem as demais fronteiras do Brasil – e não

[9] O tráfico de pessoas é um fenômeno que tem sido amplamente debatido pelas mídias. Especialmente com o advento da disseminação da internet, os casos de tráfico de humanos têm sido divulgados, possibilitando a criação de grupos de ajuda e solucionando diversos casos. Como já é costume, a Igreja Católica promove todos os anos a "Campanha da Fraternidade", a qual no ano de 2014 terá como tema "Fraternidade e Tráfico Humano", tendo como lema a ideia de que "É para a liberdade que Cristo nos libertou". São essas iniciativas que tem levado ao conhecimento da sociedade a complexidade dos casos do tráfico de humanos no Brasil, já que os índices de desaparecidos diariamente são alarmantes. Algumas informações dão conta de que desaparecem no Brasil cerca de 200 mil pessoas por ano
Fonte: http://noticias.r7.com/videos/triste-realidade-200-mil-pessoas-desaparecem-por-ano-no-brasil/idmedia/532071680cf23071721ae013.html.

diferente em outras partes do mundo – justamente por serem ambientes propícios para tais práticas, caracterizados no senso comum como “espaços sem lei”.

Ciudad del Este e Foz do Iguaçu são dois dos três municípios que formam a Tríplice Fronteira, contando ainda com Puerto Iguazu, na Argentina. O Brasil possui nove tríplices fronteiras no total, sendo que a de maior expressividade é a que abrange o Brasil, Paraguai e Argentina, se devendo este fator ao representativo adensamento populacional, bem como a intensa urbanização das cidades que formam a tríplice fronteira, e ainda o fator econômico e os fluxos significativos neste ambiente (KLEINSCHMITT; AZEVEDO; CARDIN, 2013). Segundo os autores, a cidade com menor expressividade de crescimento é Puerto Iguazu. A cidade que integra a Província de Misiones sobrevive basicamente com base nas atividades turísticas, além de ser uma das áreas menos desenvolvidas da Argentina.

O município de Foz do Iguaçu está localizado no extremo oeste paranaense, enquanto Ciudad del Este localiza-se no extremo leste do Paraguai. A divisa entre as duas cidades é representada pelo Rio Paraná. Foz do Iguaçu é conhecida mundialmente pelo turismo, por meio das Cataratas do Iguaçu e, também pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. Já Ciudad del Este é referenciada pela expressividade do comércio de produtos variados, sendo um dos maiores centros comerciais do mundo.

Até 1910, a região que hoje compreende o município de Foz do Iguaçu era constituída pela Colônia Militar, passando a ser “Vila Iguassu” a partir daquele ano, como distrito de Guarapuava. A emancipação ocorre em 1912, tornando-se povoamento civil do Paraná e elevado a município em 1914. Sendo que em 1918 foi reconhecido com o nome de “Foz do Iguaçu” (KLEINSCHMITT; AZEVEDO; CARDIN, 2013). As colônias militares foram estratégias criadas na época com a finalidade de proteger determinadas áreas do território nacional, especialmente aquelas consideradas estratégicas, como as fronteiras. Além de impulsionar o povoamento de regiões com baixa densidade demográfica.

A Colônia Militar de Foz do Iguaçu foi estabelecida no ano de 1889, e ao entorno desta foi criada uma sociedade diferenciada daquela que era comum até aquele momento, ligada ao sistema obrageiro (SILVA, 2013). As obrages eram empresas privadas responsáveis pela extração e transporte da erva-mate e da madeira na região. As obrages eram conseguidas com uma concessão de terras junto ao Governo do Paraná, e em troca os obrageros deveriam comprometer-se

com o desenvolvimento da região, abrindo estradas, construindo linhas férreas e as demais obras estruturais que fossem necessárias (SILVA, 2013). Os trabalhadores das obrages ficaram conhecidos como “mensus”.

No período da constituição da Colônia Militar em Foz do Iguaçu, verificavam-se interesses relacionados ao desenvolvimento industrial, comercial e político da região, intensificados pelo povoamento daqueles espaços – que não eram vazios, pois havia a presença de pessoas, especialmente de grupos indígenas – assim, para promover o desenvolvimento, tornava-se necessária a criação de ligações com os espaço comerciais do Paraná, o que foi promovido com a abertura de uma estrada que ligava a foz do iguaçu até Guarapuava (MYSKIW, 2011). Naquele contexto, já era possível verificar a necessidade de criar condições para a aproximação com os centros comerciais, mostrando que o consumo era uma das prioridades, embora não na escala como atualmente é praticado.

A constituição da Colônia Militar possui dois eixos importantes. Um que diz respeito ao discurso criado para legitimação da implantação desta, por meio da ideia de que o povoamento da região seria uma forma de superação do atraso, desenvolvendo aquele ambiente e criando possibilidades para exploração e desenvolvimento da nação. E outro, de que “as terras situadas naquela porção do Brasil estariam abandonadas e que poderiam facilmente ser invadidas por paraguaios e/ou argentinos” (MYSKIW, 2011, p. 113). Assim, com a presença da Colônia, além de promover o desenvolvimento regional, ainda geravam-se condições de proteção da fronteira, evitando a presença dos “outros”.

Em 1939 foi criado o Parque Nacional do Iguaçu, fator que impulsionou as atividades turísticas na região. Dentre os múltiplos fatores que criaram condições para que as relações comerciais fossem estabelecidas, algumas em especial merecem destaque, como a criação da Ponte da Amizade, a qual estreitou os laços com a cidade paraguaia de Puerto Presidente Stroessner, atual Ciudad del Este, promovendo com maior intensidade o contato entre brasileiros e paraguaios.

Um dos marcos históricos mais significativos para o progresso da região foi a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu. Segundo Catta (2002, p. 26,27), Foz do Iguaçu seria um “município que, pelas características naturais da região, foi tomado de assalto pelas máquinas; pelos homens, suas máquinas e sua engenhosidade; por políticos, burocratas, tecnocratas, para erguer uma obra que alterou de forma radical o cotidiano de milhares de pessoas, em curto espaço de

tempo". Existem diversas diferenças entre a história de Foz do Iguaçu antes e depois da construção da Usina, a qual teve os trabalhos de demarcação e escavação iniciados ainda no ano de 1974, modificando a paisagem daquele ambiente, bem como as relações sociais que se estabeleciam naquele contexto.

Muitas pessoas que na época da construção da Usina de Itaipu se deslocaram à Foz do Iguaçu com a intenção de trabalhar nas obras, acabaram trabalhando no comércio de produtos advindos do Paraguai, como é o caso de alguns *mesiteros* pesquisados por Rabossi (2004, p. 210):

> As histórias de muitos mesiteros começam na procura por trabalho em Itaipu: longas filas no escritório de contratação, apresentações e a espera para saber se seriam contratados. Para alguns, vender no centro se apresentou como uma alternativa enquanto se esperava pela resposta da Itaipu. Para os que não conseguiram trabalho, era uma alternativa antes de retornar para "su valle". Depois de saber que produtos se vendiam bem, compraram suas primeiras mercadorias com o dinheiro que tinham ou com o empréstimo de algum conhecido. Outros receberam mercadorias de algum mesitero que já estava instalado e começaram trabalhar para eles.

Os *mesiteros* foram caracterizados por Rabossi (2004, p. 57) como aqueles vendedores que trabalham "com suas mercadorias colocadas sobre suas mesitas (diminutivo de mesa, estruturas desmontáveis de madeira) ou sobre caixas e outras estruturas permanentes que instalaram na vereda". Os *mesiteros* ocupam quarteirões nas ruas de Ciudad del Este, vendendo produtos variados, geralmente com preços acessíveis. Os produtos ficam expostos sobre mesinhas, e os vendedores permanecem em um lugar específico, esperando que o cliente se aproxime. Alguns vendedores possuem armações de metal, como se fossem pequenas casinhas, onde os produtos são armazenados. Conforme Rabossi (2014), as *cajas,* como são conhecidas essas estruturas metálicas, servem para armazenar as mercadorias ao término do dia, ou quando o comércio está fechado. Enquanto as *casillas* são estruturas maiores, que permitem que o cliente entre e veja os produtos, os quais geralmente estão expostos sobre balcões ou pendurados na própria estrutura.

Em se tratando das obras da Usina de Itaipu, muitos trabalhadores conseguiram retornar para suas cidades de origem ao término das obras, mas outros tantos ficaram desempregados, tendo como opção para garantia de seu

sustento a revenda de produtos comprados no comércio do Paraguai, em alguns casos na informalidade, levando mercadorias para várias regiões do Brasil. Assim, diversas pessoas obtiveram recursos para sua sobrevivência por meio da revenda de bens adquiridos no comércio variado do lado paraguaio da fronteira, e frente ao desemprego estrutural que havia no Brasil no contexto das décadas de 1980 e 1990.

No contexto dos anos de 1980, frente ao desemprego que estava posto em Foz do Iguaçu, o município se vê diante de um agravamento dos problemas sociais. Uma reportagem publicada no Jornal “Nosso Tempo”, em 4 de fevereiro de 1984, denunciou as condições em que se encontravam milhares de pessoas no município, das quais, a maioria estava desempregada devido às finalizações das obras em Itaipu. A reportagem em questão afirmava que havia naquele momento 15 mil pessoas desempregadas em Foz do Iguaçu. O jornal explicita a tensão social vivida naquele contexto no município de Foz do Iguaçu, diante das escassas vagas de trabalho para a quantidade de pessoas que estavam vivendo lá. Com o desemprego, houve também o aumento da criminalidade, bem como dos subempregos. Segue imagem do noticiário em 1984:

15 mil desempregados em Foz do Iguaçu

AUMENTA PRESSÃO SOCIAL

FOME BATE À PORTA DO POVO: 4 MIL

PESSOAS PARA 160 VAGAS NO HOTEL

Figura 3 – Matéria do Jornal "Nosso Tempo", em 03 de fevereiro de 1984.
Fonte: http://www.nossotempodigital.com.br/edicao/104/

Como consequência do problema social, uma nova configuração espacial se moldava em Foz do Iguaçu, composta por “acampamentos na periferia” (AS MUITAS..., 2010), nos quais as condições eram precárias. A formação dos bairros periféricos intensificou-se com a chegada de várias pessoas à Foz do Iguaçu, as quais não encontrando emprego estável, se sujeitavam a viver nos loteamentos precários abertos por loteadoras. Estas loteadoras abriam os loteamentos de qualquer jeito, sem significativo planejamento (AS MUITAS..., 2010), gerando diversos problemas estruturais. Outra fronteira se delimitava naquele ambiente fronteiriço, a fronteira social que até os dias atuais é percebida no espaço urbano do

município, representada de um lado por construções luxuosas, e de outro por favelas repletas de problemas estruturais[10].

A matéria apresentada acima mostra um pouco da situação que se constituía em Foz do Iguaçu no contexto da década de 1980, quando o Brasil mostrava índices de desemprego em diversas áreas. O fator que intensificou o problema em Foz do Iguaçu foi a massiva demissão de trabalhadores das obras da Usina, que segundo o jornal foram de 03 mil pessoas em questão de três semanas. Calcula-se que de 15 a 20 mil pessoas estavam desempregadas na cidade naquele momento (JORNAL NOSSO TEMPO, 1984). O desemprego gerava problemas sociais graves, como o alto índice de mortalidade infantil. No ano de 1985, uma matéria foi publicada no jornal com o título “Nossas crianças estão morrendo”, o que demonstrava a preocupação com a degradação social em que as pessoas estavam vivendo naquele contexto. As informações são de que das crianças que morreram em um período de quatro anos em Foz do Iguaçu, e que foram enterradas no Cemitério Parque Iguaçu, 90% morreram por conta da desnutrição (JORNAL NOSSO TEMPO, 1985).

Do lado “de lá” do Rio Paraná, Ciudad del Este foi fundada no ano de 1957 com o nome de “Puerto Flor de Lis”, sendo posteriormente chamada de “Puerto Presidente Stroessner” durante o governo de Alfredo Stroessner. Apenas no ano de 1989 passa a ser denominada como Ciudad del Este, com o fim da Ditadura paraguaia. Naquele contexto ainda uma modesta cidade fronteiriça, sem grande expressividade, incomparável com sua representatividade para o Paraguai nos anos que se seguiram e no contexto atual, sendo considerada a segunda cidade mais importante para aquele país, ficando apenas atrás de Assunção (CURY, 2010). Ciudad del Este e Foz do Iguaçu são consideradas “cidades gêmeas”, sendo que por vezes as fronteiras se tornam fluidas, quase imperceptíveis cotidianamente.

Segundo Cardin (2010) houve ao longo dos anos um expressivo aumento populacional em Ciudad del Este, o qual se deve principalmente a alguns fatores

[10] No documentário “As muitas faces de uma cidade”, um dos moradores de favela em Foz do Iguaçu, denuncia o menosprezo do Poder Público com as pessoas que moram nestes espaços. Segundo o jovem, não existem endereços formais para eles. Portanto, é como se estes não existissem. Não havendo endereços, correspondências não são entregues, e esse fator dificulta em grande medida a vida destas pessoas. Não há infraestrutura para o escoamento das águas, nem recolhimento de lixo em alguns bairros, o que causa problemas de alagamento em residências. Para estas pessoas, não houve planejamento urbano. Os moradores de favelas demonstram indignação diante da forma como são tratados em Foz do Iguaçu, sendo que existe um amplo investimento para agradar os turistas que visitam a cidade, enquanto muitas pessoas vivem em situações degradantes (AS MUITAS..., 2010).

elencados pelo autor: o desenvolvimento da rota internacional em Foz do Iguaçu, o qual facilitaria os deslocamentos de trabalhadores, bem como o escoamento da produção do Paraguai; a construção da Usina de Itaipu, momento em que houve um intenso adensamento populacional na fronteira, especialmente pela quantidade de trabalhadores que ali estavam. Também houve o crescimento do comércio internacional na região, gerando um importante dinamismo comercial, o qual transformou Ciudad del Este em um importante espaço comercial.

Na década de 1970, houve um processo inicial de consolidação de Foz do Iguaçu como destino turístico, sendo que apenas na década de 1990 este processo atingiu um patamar privilegiado em relação ao contexto nacional brasileiro. Neste mesmo período era possível se verificar na cidade a criação de uma ampla gama de recursos para atendimento dos turistas, com hotéis destinados aos mais diversos tipos de pessoas. Destacavam-se ainda as hospedarias que eram destinadas aos "sacoleiros", com preços mais acessíveis. Lembrando que a década de 1990 foi marcada pela expressiva atividade destes compradores informais por entre as fronteiras. Catta (2002) defende que, por mais significativo que fosse o turismo em Foz do Iguaçu, muitas pessoas ainda se deslocavam para aquela cidade com a finalidade de comprar produtos importados com baixos preços em Ciudad del Este para revendê-los posteriormente em diversos locais do Brasil.

Neste contexto, foi possível ver no Brasil a ascensão de uma modalidade de comércio específica, as famosas "Lojas 1,99". As primeiras lojas neste estilo surgiram na cidade de São Paulo, especialmente na Rua 25 de março, conhecida até os dias atuais pela revenda de produtos diversificados por preços populares. As Lojas de 1,99 eram caracterizadas inicialmente pela revenda de produtos de baixa qualidade, principalmente importados da China e comprados via comércio paraguaio.

De início, essas lojas trabalhavam com o conceito de "tudo" pelo preço de 1,99, mas posteriormente adotaram a ideia de "a partir" de 1,99. Essa modalidade de comércio se espalhou pelo Brasil, sendo possível encontrar até hoje essas lojas, muito embora poucos produtos se mantenham com custo de 1,99. Com base na disseminação destas lojas, os "sacoleiros" foram importantes trabalhadores naquele momento.

Catta (2002) analisa que existiu no período que compreende a década de 1990 um grande contingente de "sacoleiros" movimentando o comércio da fronteira,

os quais geralmente se utilizavam dos terminais rodoviários para descansar e não pernoitavam em Foz do Iguaçu, pois dormiam nos próprios ônibus ao longo do caminho para economizar o valor das diárias em hospedarias. A alimentação destes sacoleiros muitas vezes era precária, sendo constituída apenas por lanches "comprados nos bares empesteados de moscas ou com pouca higiene", conforme referido pelo autor (CATTA, 2002, p. 28). Sobre as sociabilidades dos "sacoleiros" ou "muambeiros" na cidade de Foz do Iguaçu, o autor analisa que

> O terminal rodoviário serviu sempre como um espaço de sociabilidade muito importante onde ocorriam as trocas de informações sobre preços de produtos e os pontos de venda, no Paraguai, aqueles que eram os mais convenientes para as compras. Servia também para "troca" de produtos a fim de facilitar a passagem pela inspeção alfandegária nas estradas. E por fim, servia como dormitório, ou ponto de descanso das fadigas adquiridas nas inúmeras idas e vindas pela Ponte da Amizade, com as sacolas abarrotadas de produtos de todos os tipos (CATTA, 2002, p. 29).

Os "sacoleiros" foram vistos – ou ainda são – como entraves ao bem estar na cidade, sendo que as classes dominantes causavam pressões no Poder Público para uma espécie de "higienização" em Foz do Iguaçu (BEZERRA, 2012). O problema dos "sacoleiros" foi, em parte, solucionado com a criação das feiras e a formalização dos vendedores, o que ainda não está por completo resolvido. Dona Margarida Bezerra, na entrevista realizada em 2012, afirmou que os feirantes ainda são vistos com desprezo pelas classes dominantes de Foz do Iguaçu, as quais, segundo a entrevistada, forçaram o Poder Público daquele município a virar as barracas da Feira Iguaçu com as frentes para um muro, sendo que os produtos e os vendedores não são vistos da rua.

Outra figura elementar nas relações de consumo na fronteira foram os "laranjas", os quais eram "contratados" pelos "sacoleiros" para auxiliar em parte dos trabalhos. Silva (2013) analisa que os "laranjas" são figuras bem presentes na história de Foz do Iguaçu, os quais muitas vezes eram pessoas que ficaram desempregadas após as obras da Usina. Segundo o pesquisador, "quando um grupo de arquitetos curitibanos planejaram a reforma da Avenida Brasil [...] os laranjas foram lembrados em bolas de concreto colocadas em cada esquina". Assim, a presença destes sujeitos foi materializada na paisagem da cidade. Muito embora as histórias vivenciadas pelos "laranjas" pareçam estar apenas no passado, para

boa parte da população as lembranças vão além do símbolo material, pois foi como "laranjas" que tiveram sua primeira fonte de renda (SILVA, 2013).

Do outro lado da fronteira, Ciudad del Este, enquanto "zona franca"[11] possui um diferencial em relação às demais cidades do Departamento do Alto Paraná (cuja capital é Ciudad del Este), as quais possuem como base da economia a produção de soja. Haesbaert (2014) caracteriza Ciudad del Este da seguinte forma:

> É uma cidade conectada primordialmente aos circuitos globais da economia, tanto legal (como no caso dos laços comerciais oficiais com Taiwan e o estabelecimento de um distrito industrial chinês na periferia da cidade), quanto ilegal (o contrabando de mercadorias, o narcotráfico e a lavagem de dinheiro). Zona franca, entre seus habitantes encontram-se minorias étnicas de várias diásporas mundiais, como a chinesa, a coreana e a árabe-libanesa. Disputas entre máfias são comuns e circuitos ilegais proliferam, incluindo o tráfico de prostitutas brasileiras e a instalação de um dos braços mais importantes da organização radical muçulmana Hezbollah.

Existem diversas questões polêmicas que permeiam aquela cidade – mas também a fronteira como um todo – especialmente aquelas ligadas à presença de grupos terroristas, aspecto que recebeu ainda mais atenção após os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001[12], em especial devido à significativa presença de árabes vivendo neste espaço fronteiriço. Existem especulações sobre a presença de grandes empresários em Ciudad del Este que possuem vínculos com o *Hezbollah*, sendo líderes desta organização na Tríplice Fronteira, acusados de financiar o terrorismo (MACHADO; RAMOS, 2014). Ciudad del Este já foi considerado como "santuário financeiro do terrorismo" (COOPERAÇÃO, 2005), com base na ideia da presença de financiadores das práticas violentas habitando aquela cidade.

Silva (2013) analisa que em muitas ocasiões se torna um problema (especulações, investigações, fiscalização, etc.) para a região da fronteira abrigar

[11] A Zona Franca é uma área onde as mercadorias nacionais ou estrangeiras possuem tarifas alfandegárias reduzidas ou ausentes, em alguns casos. O objetivo das Zonas Francas é a aceleração e o estímulo ao desenvolvimento industrial ou econômico de uma região.

[12] Considerado como o maior ataque terrorista da história devido às consequências que derivaram deste. Em 11 de setembro de 2001 o mundo ficou perplexo diante da fragilidade a qual se viu a grande potência norte-americana, os Estados Unidos. Aeronaves sequestradas por extremistas do grupo islâmico Al-Qaeda colidiram contra importantes construções como o Pentágono e Word Trade Center. Não cabe neste trabalho a discussão acerca de farsas, ideologias ou motivações para tais acontecimentos, já que existem inúmeras discussões sobre este tema.

um dos maiores contingentes de árabes na América Latina, especialmente pelas particularidades culturais e religiosas, e os conflitos que se estabelecem no Oriente Médio, os quais refletem nas vivências na região da fronteira. “O que mais afetou a comunidade árabe na Tríplice Fronteira foi a acusação de ligação entre integrantes da comunidade e terroristas islâmicos radicais” (SILVA, 2013, s/p.), sendo que são geradas tensões neste sentido, as quais podem influenciar a dinâmica das compras naquele ambiente fronteiriço.

Quanto às fronteiras, cabe refletir que há um processo de naturalização das fronteiras nacionais, de modo que estas são percebidas como inerentes ao território, isto é, indissociáveis. As primeiras discussões acerca das fronteiras estavam relacionadas principalmente aos conflitos próprios destes espaços. Além disso, o conhecimento dos ambientes de fronteira era também a possibilidade de novos campos para expansão e dominação.

Martins (2009, p. 10) define que “a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos”. Assim, é na fronteira onde os conflitos entre os alheios são estabelecidos com maior intensidade, dando sentido ao discurso sobre a violência dos ambientes fronteiriços.

As fronteiras sempre estiveram relacionadas ao poder, não é diferente na fronteira entre Brasil e Paraguai. Desde a década de 1950 foi possível perceber a presença dos brasileiros em terras paraguaias. Nas décadas de 1960 e 1970, os fluxos populacionais entre os países se intensificaram, com a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu. Além disso, a “Marcha para Oeste” brasileira em conjunto com a “Marcha al Este” paraguaia[13], facilitou a entrada de brasileiros no território paraguaio. O Brasil em processo de modernização expandia os espaços exploráveis, já o Paraguai carecia de investimentos para desenvolver-se.

Albuquerque (2009, p. 141) analisa que,

[13] No Brasil, a “Marcha para o Oeste” foi um projeto desenvolvido a partir do governo de Getúlio Vargas, tendo como objetivo a expansão das atividades, e consequente desenvolvimento da região oeste do país. A intenção era de que áreas ainda não desenvolvidas recebessem investimentos e se desenvolvessem econômica e socialmente. No Paraná, as ações foram significativas, quando da ocupação do oeste do estado por parte de colonos advindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Na década de 1950, durante o governo de Stroessner, foi promovida no Paraguai uma reorientação geoestratégica, tendo como intuito a menor dependência do Rio do Prata. Essa mudança, com apoio do Itamaraty, viabilizou-se com a “Marcha para o Leste”, o que promoveu maior relação entre o Paraguai e o Brasil, relação que foi ainda mais estreitada com a construção da Ponte da Amizade e a BR 277, bem como a Hidrelétrica Binacional de Itaipu (BALLER, 2011).

> As denominadas modernização e mecanização da agricultura, com a expansão dos plantios de soja na década de 1970, favoreceram o deslocamento de muitos agricultores, posseiros e arrendatários das terras brasileiras próximas à fronteira para o Leste do Paraguai. Nesse contexto, o governo ditatorial do Paraguai efetiva um grande plano de colonização agrícola na região fronteiriça com o Brasil, facilitando a entrada de empresas e colonos estrangeiros nos departamentos fronteiriços. Os desdobramentos da Marcha para o Oeste no Brasil se encontraram com a Marcha al Este no Paraguai a partir da década de 1960.

A facilidade de obtenção de terras no Paraguai foi um dos fatores pelos quais muitos brasileiros decidiram investir naquele país. A relação entre Brasil e Paraguai, contudo, é marcada ao longo da história por conflitos, desde a "Guerra do Paraguai", como é conhecida no Brasil, ou "Guerra da Tríplice Aliança". Acontecimento histórico que gerou inúmeras consequências aos países envolvidos, especialmente ao Paraguai, o qual teve seu desenvolvimento econômico e social comprometido. Posteriormente, com a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, houve um "estreitamento das relações políticas e comerciais entre Brasil e Paraguai" (DUARTE; GONZALEZ, 2009, p. 120).

A relação entre Brasil e Paraguai passou por vários acontecimentos marcantes ao longo da história e, embora ainda haja discordâncias entre eles, em diversos momentos há uma aproximação no sentido de facilitar as relações. A linguagem é uma das marcas da aproximação entre brasileiros e paraguaios, sendo também um elemento de distinção.

> A *língua* é grande elemento de *distinção*. *Eu* sou *brasileiro*, o *outro* é *paraguaio*. A língua dá um sentido de pertencimento àquela nação ou à *outra*, apesar de o espanhol e o português sejam línguas "fáceis" de entendimento pela sua proximidade de termos. A língua dá sentido a "eu" ser desta ou daquela nacionalidade. Por eu falar esta ou aquela língua eu sou de outro povo, de outro costume, de outra cultura. *Eu* sou *diferente* do *outro* (MONDARDO, 2008, p. 97).

Assim, a língua possui dois sentidos singulares: afirmação de uma identidade particular, e também diferenciação dos demais. Em diversos momentos é possível perceber a tentativa em estabelecer uma linguagem que seja compreensível, talvez de forma inconsciente, na construção de expressões linguísticas que misturam o idioma português e o espanhol, mas não exclusivamente apenas estes idiomas, uma

vez que o espaço fronteiriço em questão abriga múltiplas nacionalidades, etnias, costumes e linguagens.

Dentre os conflitos que se estabelecem no ambiente fronteiriço, um dos mais debatidos é a condição dos “brasiguaios”. Sem que se possa defini-los enquanto pertencentes a um ou outro país, são tratados de forma marginalizada, por vezes desprovidos de direitos. Há uma porosidade cultural entre os jovens “brasiguaios”, de modo que, “essas crianças e jovens vivem em mundos culturais em confluência e recebem influência cultural tanto do Brasil, no cotidiano das ruas, das casas e das imagens televisivas, como do Paraguai, especialmente no ambiente escolar” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 153).

Existe uma confluência cultural presente na vida dos brasiguaios, constituída pela diversidade linguística e de costumes. Enquanto a educação formal é nos moldes paraguaios, os programas televisivos, as músicas e mesmo as conversas em casa, podem ser na língua brasileira, ou sobre questões relativas ao Brasil. Não se pode comprimir essa multiplicidade cultural neste ponto, já que as influências são também mundiais, portanto, não há como definir os sujeitos como pertencentes ou não a um lugar específico diante do mundo globalizado.

Para Albuquerque (2008, p. 52-53),

> Os fluxos de brasileiros em território paraguaio são bastante intensos desde o contexto da década de 1970. Eles ampliaram a fronteira entre as duas nações e movimentaram as fronteiras nacionais. O território de predomínio de brasileiros e seus descendentes é um espaço singular, uma zona de muitas fronteiras políticas, culturais e simbólicas. Nesse território há um predomínio do agronegócio de empresários brasileiros, há vários vereadores e prefeitos brasileiros nesses municípios de forte presença migratória e uma ampla variedade de manifestações culturais brasileiras (língua portuguesa, festas com músicas brasileiras, folclore regional do Brasil e sinais de rádios e TVs brasileiras).

Assim como a linguagem, outros elementos são utilizados como forma de manter as relações, especialmente as comerciais, entre os dois países, como a moeda, tanto que o Real é amplamente aceito no comércio da fronteira com o Paraguai. Sobre o Real, Baller (2011, p. 68) analisa que “sua aceitação nas áreas de fronteira é grande, pois as transações de compra e venda se dão em grande parte com moeda nacional brasileira”. Pode-se notar que em diversos aspectos, os

dois países buscam incorporar elementos do outro para facilitar os contatos, favorecendo também os processos de compra e venda de mercadorias, impulsionando as transações comerciais. Do mesmo modo, alguns estabelecimentos comerciais em Foz do Iguaçu aceitam moeda estrangeira nas transações, especialmente o Guarani.

As transformações espaciais sempre estiveram relacionadas com as práticas sociais, sofrendo maiores interferências frente ao mundo globalizado e o avanço do meio técnico.

> Se a globalização só se ativa e se fortalece, como vimos, através de um emaranhado de redes cada vez mais amplas e complexas, nem por isso estas desempenham apenas um papel desterritorializador: elas podem muitas vezes, quando subordinadas a determinados limites ou fronteiras, fortalecer a coesão interna de um ou vários territórios (HAESBAERT, 1998, p. 37).

O espaço é produto, mas também condição para que as relações sociais se desenvolvam, em especial aquelas atreladas à produção. Sendo assim, a caracterização espacial é construída historicamente e possui marcas dos diversos tempos passados. No contexto da sociedade de consumo, a reprodução do espaço se concretiza de modo acelerado, no compasso das transformações e renovações da contemporaneidade. A produção espacial está intimamente relacionada com a perpetuação da sociedade consumista, através da formação de espaços apropriados ao fluxo frenético de pessoas e mercadorias.

Segundo Cachinho *Apud* Ortigoza (2009), a cidade é acima de tudo um centro de consumo, tendo como base comum de sua organização os espaços comerciais e da simulação. Há a construção de um espaço de representações, no qual o "espetáculo" acontece. Deste modo, os espaços urbanos estão cada vez mais atrelados ao fluxo das mercadorias, são construídos com a finalidade de permitir que o espetáculo do consumo seja repetido constantemente.

Os espaços de consumo não estão isolados do contexto global da disseminação dos padrões consumistas. A fronteira enquanto ambiente de consumo é reflexo da economia mundial, do sistema econômico-social que rege a sociedade. Assim, há a materialização da forma de consumo global no âmbito local, no caso, a fronteira.

Ortigoza (2009, p. 33) define a importância das relações de consumo na constituição espacial, “o mundo atual é o mundo da mercadoria. As necessidades é que permitem novos fluxos, encontros e desencontros no cotidiano e no espaço. A troca passa a ser o sentido e o fim de tudo, porque o valor de troca passa a subordinar a si todos os momentos da vida”. A reflexão da autora, com base no pensamento de Karl Marx acerca do valor de troca, demonstra como a sociedade consumista se articula, não através do valor de uso dos bens, mas por meio do valor monetário – ou de troca – das coisas. São essas trocas que exigem que o espaço se articule, de modo a suprir com os fluxos necessários. Portanto, a construção espacial na sociedade de consumo se define a partir das trocas, reproduzindo o espaço continuamente.

Atrelado à construção dos espaços de consumo estão os símbolos. A fronteira entre o Brasil e o Paraguai, especialmente entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, é marcada pela simbologia em favor do consumismo. Ao se aproximar da fronteira, a impressão que transmitem os símbolos é de que o “paraíso do consumo” está próximo. As marcas da publicidade estão estampadas estrategicamente para que o viajante sinta-se tentado ao consumo. “A paisagem é a materialização mais imediata e momentânea da vida social, e, portanto, precisa ser analisada no contexto do cotidiano, das representações da natureza e dos seus significados” (ORTIGOZA, 2009, p. 80). Na paisagem estão impressas as marcas da forma pela qual a sociedade se desenvolve, neste caso, com base no consumo.

3.3 RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS COM BASE NO CONSUMO: BREVE HISTÓRICO E O CONTEXTO ATUAL

Conforme analisado por Baller (2011, p. 54), desde o “início do século XIX já se encontram pistas concretas em documentos da estreita relação que a mão de obra possui entre os dois países”. Demonstrando assim, que fluxos entre brasileiros e paraguaios já eram estabelecidos, tendo como ponto central a troca de mão-de-obra. Diversos fatores ao longo da história ocasionaram aproximações entre os dois países, as quais nem sempre foram harmoniosas. Vários conflitos se estabeleceram na fronteira, os quais foram também essenciais para a constituição da fronteira da forma como ela se configura atualmente.

Dentre os pontos mais relevantes da história da relação entre os países, está o fenômeno que se convencionou chamar de “Guerra do Paraguai”, também conhecida como “Guerra da Tríplice Fronteira”. A guerra estendeu-se dos anos de 1864 até 1870, sendo considerada como a maior guerra armada internacional já registrada na América do Sul. O conflito foi motivado principalmente pelo desejo do então Ditador Francisco Solano Lopes, de aumentar o território paraguaio, obtendo uma saída para o Oceano Atlântico, através dos rios da Bacia do Prata. Nos anos finais dos conflitos, os quais pronunciaram a derrota do Paraguai, a não rendição do Ditador Solano Lopes promoveu baixas civis até o fim da guerra, com a morte do Ditador. Essa situação conduziu o Paraguai à dificuldade em superar a crise gerada pela guerra (DORATIOTO, 2002)[14].

Ao término do século XIX e início do século XX, observou-se a aproximação entre Brasil e Paraguai por meio da ocupação de vastas porções de terras, promovida por Companhias Colonizadoras, as quais utilizavam-se da mão-de-obra de brasileiros em menor escala, e paraguaios e argentinos em maior quantidade, para extração da erva-mate e da madeira.

Nos anos de 1960, começa a ser observado o fenômeno que hoje causa muita polêmica entre os dois países, a ocupação de terras paraguaias por parte de colonos brasileiros. Além de ocupar as terras, os brasileiros levaram ao Paraguai seus costumes, considerados ainda hoje como formas de imposição cultural sobre o país vizinho.

Em 1972 foi inaugurado o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, como forma de suprir as necessidades que não eram providas apenas pelo Correio Aéreo Curitiba-Foz do Iguaçu, iniciado no ano de 1930. Os fluxos entre Paraguai e Brasil

[14] Alguns debates historiográficos permeiam a Guerra do Paraguai, e um dos autores que discute o tema é Francisco Doratioto. Em sua obra “Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai”, o autor deixa claro seu posicionamento sobre os acontecimentos, quando afirma que o agressor foi o Paraguai (DORATIOTO, 2002, p.17), e que embora tenha sido vencido, ainda lutou por alguns anos, causando consequências negativas ao país. Segundo o autor, “a documentação mostra, inequivocamente, que em 1864 não havia nenhum plano militar do Império do Brasil contra o Paraguai. Sequer havia um exército brasileiro moderno organizado; seus efetivos não chegavam a 20 mil homens e estavam distribuídos pela imensidão do país. Do lado da República Argentina, criada em 1862 e ainda sem exército nacional, não interessava um governo paraguaio, que tinha vínculos com a oposição argentina que se opunha à centralização do poder em Buenos Aires. Mas Mitre não podia fazer nada contra Solano López, no mínimo por não ter recursos militares para tanto. Aparentemente, Solano López não pensava assim ou, então, tomou uma opção de risco, a de iniciar uma guerra, aproveitando-se do contexto favorável para impor-se ao Brasil e à Argentina” (GARCIA, 2013).

foram facilitados quando da construção da Rodovia BR-277, como analisa Silva (2013, s/p.).

> A construção da rodovia fazia parte de uma estratégia mais ampla de integração regional [...] a rodovia conectou o Porto de Paranaguá à Foz do Iguaçu. Mais importante do que conectar a cidade ao porto, foi conectá-lo à Ponte da Amizade cuja obra estava concluída, e que na prática significou atender a uma antiga necessidade do Paraguai: o acesso ao mar.

Como facilitadora da relação física entre os dois países, em 1956 começa a ser construída a “Ponte Internacional da Amizade”, sendo inaugurada no ano de 1965 pelos presidentes militares de ambos os países, Castelo Branco no Brasil e Alfredo Stroessner no Paraguai. Segundo Vicente Veríssimo, ex-representante regional do Departamento Nacional de Infraestrutura – DNIT, “a ponte da amizade foi construída estrategicamente pensando em um risco de guerra na América do Sul. ‘Então todas as obras que foram projetadas na época eram avaliadas no quesito da passagem de equipamentos militares’, [...] Por isso apresenta uma estrutura tão reforçada (CLICKFOZ, 2010, s/p.)”.

Com a construção da Ponte Internacional da Amizade, os laços econômicos entre Brasil e Paraguai foram se intensificando, o que proporcionou ao Paraguai o sucesso no comércio de produtos variados, principalmente em Ciudad del Este, nos anos de 1990. Atualmente, a construção de uma nova ponte ligando Brasil e Paraguai está em discussão. Segundo informações, “o projeto prevê uma ponte estaiada com cabos suspensos de 760 metros. A obra [...] ficaria a uma distância de cerca de 7 km da Ponte da Amizade no Rio Paraná [...] a previsão era de que a ponte ficasse pronta em 2016” (LICITAÇÃO, 2013). Conforme informações de alguns jornais que circulam na região oeste paranaense, a ponte teria como função desviar o tráfego de veículos pesados da Ponte da Amizade, tornando o fluxo de pessoas nesta última, menos congestionado.

A arquitetura desta segunda ponte deverá ser diferenciada. Enquanto a Ponte da Amizade foi construída em formato de arco, esta segunda ponte será estaiada, formato intermediário entre uma ponte fixa e uma ponte pênsil. A ideia desta nova ponte é uma das alterações espaciais que se tornam necessárias para permitir que o fluxo de pessoas e mercadorias na fronteira se perpetue, uma vez que existem

problemas estruturais relacionados ao caos gerado na Ponte da Amizade, onde ocupam espaço caminhões, ônibus, táxis, motocicletas, ciclistas, pedestres, etc.

Sennes (2013, s./p.) analisa que a construção da Usina de Itaipu não foi exclusivamente um fator de melhoramento ou aproximação entre Brasil e Paraguai, mas um projeto com objetivos específicos. “O projeto de Itaipu foi utilizado basicamente como parte da solução para o problema energético do Brasil e virtualmente como instrumento de cooperação e indução do desenvolvimento paraguaio”. Assim, a integração entre os países, na tentativa de construir uma fronteira desenvolvida não estaria entre os objetivos básicos da construção da Usina. A partir da década de 1970, houve um impulso no turismo regional, acarretado pela construção da Itaipu.

Fator importante para atração de turistas de várias nacionalidades, especialmente brasileiros à região de fronteira, foi o comércio na “Zona Franca” de Ciudad del Este. A década de 1990 foi especialmente importante para concretização das relações comerciais na fronteira, em parte pela valorização do Real, já que a comercialização das mercadorias era feita em dólar. Outro fator que impulsionou o comércio em Ciudad del Este foi o desemprego que assolava o Brasil na época.

Sobre o processo de formação de uma Zona Franca em Ciudad del Este, Rabossi (2004) – com base em documentos desde a constituição de Puerto Presidente Stroessner (atual Ciudad del Este) – analisa que a primeira concessão de uma zona franca se remete aos anos de 1960, com um acordo feito entre a Comissão de Administração de Puerto Presidente Stroessner e a “Foreign Markets Trading Corporation”. Sendo que apenas anos mais tarde a Zona Franca foi oficializada devidamente outorgada pelo Poder Executivo. Na década de 1980, Ciudad del Este começa a ficar mundialmente conhecida no cenário mundial como centro de compras, atingindo seu máximo reconhecimento na década de 1990.

Grande quantidade de pessoas, de diversos lugares do Brasil, se deslocavam ao Paraguai com a finalidade de comprar produtos com melhores preços e posteriormente revendê-los em outras partes do Brasil, tendo assim uma margem de lucros atrativa. Muitos “sacoleiros” viajavam em comboios para conseguir comprar o máximo possível de mercadorias, e para tal, contratavam pessoas que os ajudavam nesta função. Essa modalidade de trabalho sustentou diversas famílias na época, já que o Brasil passava por um momento delicado, em que diversas pessoas não tinham emprego formal.

A ilegalidade na fronteira intensifica-se especialmente na década de 1990, justamente pelo contexto histórico brasileiro da época – inflação, dívida externa, altos juros, etc. – o que levou milhares de pessoas à informalidade. A facilidade do transporte das mercadorias paraguaias fez com que muitas pessoas optassem pela revenda destes produtos no Brasil. Criava-se uma situação dual de imoralidade/moralidade, na qual a marca da ilegalidade, através do contrabando e descaminho começava a despontar com maior intensidade. Mas, por outro lado, criava-se uma situação moral, em que os sujeitos buscavam meios de sobrevivência sem partir para criminalidade, como furtos e roubos. Muitos dos próprios trabalhadores da construção da Itaipu passaram a viver da informalidade na fronteira.

O comércio em Ciudad del Este é marcado expressivamente pela presença de árabes e chineses. A presença dos árabes deu-se a partir da década de 1960 na cidade de Foz do Iguaçu. Estes, historicamente são conhecidos por suas preferências pelas atividades comerciais, elemento que se tornou característico de sua cultura. Em 1970 houve mais um período de entrada de árabes na região, exercendo a importação de produtos chineses para a então recém criada Zona Franca de Ciudad del Este. Já os chineses realizam o papel de facilitar a compra de produtos na China para revenda no comércio paraguaio (SILVA, 2013).

Há uma ideia impregnada na sociedade brasileira de que os produtos advindos da China são de baixa qualidade, o que, segundo Silva (2013) não é uma verdade. Os produtos chineses são feitos em grandes complexos industriais, em ampla escala. Não sendo, inclusive, considerados como cópias, mas como encomendas, como um processo normal de produção.

Além do turismo gerado pela construção da Usina, também o turismo de compras vinha se intensificando na fronteira. Este trouxe também desenvolvimento ao centro de Foz do Iguaçu, devido à necessidade da presença de hotéis para abrigar os turistas chegados à cidade. Hotéis mais simples, com preços mais baixos, foram construídos nas proximidades da Ponte da Amizade, para facilitar a locomoção dos compradores ao Paraguai.

Após a construção da Itaipu, as relações entre Brasil e Paraguai mantiveram-se “estáveis”, embora haja problemas específicos, como o dos “brasiguaios”, ou a respeito da venda da energia provinda da Usina, mas são questões mais pontuais. Recentemente houve momentos de tensão entre os países devido ao *impeachment*

do então presidente paraguaio Fernando Lugo. A questão paraguaia gerou tensão entre os brasileiros devido às incertezas pelas quais passava o país vizinho, não se podendo afirmar quais seriam os reflexos no Brasil de um novo governo no Paraguai, especialmente quanto à energia da Itaipu e quanto aos brasileiros posseiros de terras naquele país.

As tensões entre os dois países são também uma ameaça ao livre fluxo de consumidores na fronteira, uma vez que "o consumo sofre os efeitos das variações da conjuntura política e econômica" (GEORGE, 1971, p. 77), sendo assim, os impasses causados pelas transformações políticas paraguaias, poderiam afetar, em grande escala, as relações de consumo entre os países. Atentando ao fato de que diversos brasileiros vivem, de modo formal ou informal, da venda de produtos paraguaios.

O consumo na Tríplice Fronteira[15] recebe atenção especial dos governos e das instituições dos três países. O site da Itaipu traz a seguinte descrição acerca do turismo de compras na fronteira:

> **O que é?**
> A fronteira de Brasil, Argentina e Paraguai dispõe de um comércio diversificado, com ofertas de lançamentos mundiais e preços atraentes.
> **O que fazer?**
> Percorrer lojas de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú a procura de roupas, bebidas, brinquedos, perfumes, artigos de informática e eletroeletrônicos. Os preços são competitivos, e os produtos de boa procedência e qualidade, quando comprados em casas autorizadas pelos fabricantes. O Paraguai concentra o comércio mais vigoroso. Ciudad del Este já chegou a ser o segundo centro comercial em volume de negócios do mundo. A cidade dispõe de diversos shoppings, que reúnem uma infinidade de lojas de diferentes ramos. Os estabelecimentos mais numerosos são os que vendem artigos de informática e eletroeletrônicos. Na fronteira de Brasil e Argentina, uma opção de compras é o *Duty Free Shop*, localizado após a ponte Tancredo Neves, antes da aduana argentina. O vestuário é o forte do comércio de fronteira da Argentina. O centro de Puerto Iguazú tem pequenas lojas que oferecem casacos e

[15] Em alguns lugares, inclusive em *slogans* de lojas, ainda é possível encontrar o termo "três fronteiras". Embora o Brasil tenha nove tríplices fronteiras, esta disposta entre Argentina, Brasil e Paraguai é a mais conhecida. Após os acontecimentos mundiais violentos que supostamente envolviam grupos extremistas muçulmanos, a região da Tríplice Fronteira ficou ainda mais conhecida, inclusive mundialmente, quando boatos sobre a ligação entre a população árabe de Foz do Iguaçu e o terrorismo islâmico foram amplamente divulgados nas mídias. A alegação era de que, um ambiente de fronteira seria um lugar ideal para abrigar os grupos violentos. Em Foz do Iguaçu existe sim uma minoria *xiita*, mas em grande maioria são *sunitas*, e até hoje não há nada comprovado sobre estas acusações.

> jaquetas de couro, além de blusas, sobretudos e paletós de lã, cashmere e microfibra. Outro destaque argentino é a gastronomia.
> **Quando?**
> De segunda a sábado. Aos domingos, boa parte do comércio de Ciudad del Este permanece aberto até 13h (ITAIPU BINACIONAL, 2013).

A fronteira Foz do Iguaçu-Ciudad del Este torna-se destino de viagens para pessoas de diversas partes do Brasil, mas também de outras partes do mundo, pois inúmeros são os turistas que aproveitam a estadia em Foz do Iguaçu para cruzar a ponte em busca de consumir no comércio paraguaio. Além do tradicional comércio de rua realizado na cidade, existem também algumas opções para turistas que buscam maior requinte e conforto em suas compras. Sobre a cidade paraguaia, o jornal Gazeta do Povo atenta para alguns detalhes interessantes:

> Ciudad del Este (Paraguai) - Tudo continua lá. Muita sujeira nas ruas, camelôs vendendo produtos falsificados e um trânsito caótico. Enfim, **é a Ciudad del Este propriamente dita**[16]. Mas, em meio a todo o caos naquele lado da Tríplice Fronteira, junto a Foz do Iguaçu, alguns espaços de compras conseguem fazer o turista esquecer, por alguns momentos, as imagens clássicas da cidade paraguaia (COUTO, 2010).

Quando o jornal afirma que os aspectos “sujeira” e “produtos falsificados” são próprios de Ciudad del Este – conforme grifos – demonstra que há uma visão difundida sobre aquele local, o qual seria representado pela sujeira e ainda pela comercialização de produtos falsificados. Surgem então duas questões básicas para serem pensadas: Quem deixa a sujeira naquele local? E ainda, se existem produtos falsificados sendo revendidos é pela razão simples de que há um público consumidor que os compra. A maior parte das pessoas que se deslocam para consumir em Ciudad del Este é constituída por brasileiros, portanto, responsáveis também pela sujeira e pela perpetuação do comércio de itens falsificados.

Em Ciudad del Este existem opções variadas de comércio, desde os Shoppings Centers, que oferecem maior conforto aos compradores, além da opção de consumir produtos de marcas conhecidas, inclusive na área de alimentação. Mas destaca-se também o comércio de rua na figura dos *mesiteros*, e ainda os

[16] Grifos meus.

comerciantes que carregam as mercadorias em seus corpos, os quais seriam caracterizados como ambulantes.

Ao longo dos anos foram criadas condições para que o comércio em Ciudad del Este continuasse a ser atrativo aos consumidores, para tal, a configuração daquele ambiente comercial transformou-se para acolher a grande e variada quantidade de consumidores que se deslocam àquela cidade. Para garantir a proteção dos turistas que se deslocam à Ciudad del Este para comprar, no ano de 2008 foi criada a "Polícia Turística", especialmente com a finalidade de reduzir o número de assaltos aos turistas na cidade. Além disso, para a segurança dos consumidores em relação às suas compras, no ano de 2010 entrou em funcionamento o "Sistema Inteligente de Monitoramento – SIM", o qual funciona de modo semelhante ao PROCON no Brasil. O sistema tem como intenção reverter a imagem negativa construída acerca das compras no Paraguai, já que a quantidade de consumidores lesados era muito significativa (VALIENTE, 2010).

Existe uma tentativa de aproximação entre os três países da Tríplice Fronteira – Argentina, Brasil e Paraguai – que demonstra de modo interessante essa dinâmica transfronteiriça com base no consumir, a qual é constituída pelo "Destino Iguassu". Em entrevista realizada no ano de 2012 com o Secretário de Desenvolvimento Socioeconômico do município de Foz do Iguaçu naquele contexto – Adevilson de Oliveira Gonçalves -, este definiu o "Destino Iguassu" da seguinte maneira:

> O que é o "destino Iguassu"? Ele faz as promoções, por exemplo, você fica três dias no hotel, você ganha o quarto dia grátis, por quê? Porque está comprovado que cada pessoa deixa cento e poucos dólares por dia na cidade. Então, quanto mais dias você ficar... Então o que se concluiu, há compras também. Então você ganha um dia pra visitar as cataratas e Itaipu né, um dia pra sair à noite nos cassinos e um dia pra você fazer compras no Paraguai também. Então, quanto mais dias você ficar em Foz, isso é que vai dar a despesa sua. De alguma forma te trazer pra Foz do Iguaçu (GONÇALVES, 2012).

Segundo o entrevistado, o "Destino Iguassu" traz inúmeros benefícios para a cidade de Foz do Iguaçu, pois os turistas ficam hospedados nos hotéis da cidade, onde gastam boas quantias de dinheiro diariamente. Por meio do incentivo ao turismo e às compras, o destino é um dos mais apreciados por turistas do mundo todo. Ainda, segundo o entrevistado, para aquelas pessoas que não desejam

atravessar a fronteira para comprar, existem as “feirinhas” de Foz do Iguaçu, sendo uma delas a “Feira Iguaçu”, localizada nas proximidades da Avenida Brasil, em uma das áreas mais movimentadas da cidade, próxima de vários hotéis.

Cotidianamente pouco se percebe de fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este – fronteira entendida como limite – uma vez que há um fluxo constante de trabalhadores, comerciantes, empresários e consumidores de um município para o outro. Uma significativa parcela dos empresários que possuem lojas na cidade paraguaia vivem em Foz do Iguaçu, também os trabalhadores do comércio paraguaio em boa parte moram na cidade brasileira, gastando assim quase todo seu salário no comércio de Foz do Iguaçu.

A relação transfronteiriça de consumo também é significativa na Argentina, especialmente no ramo do comércio de combustíveis, bem como de produtos alimentícios que apresentam custos mais baixos do que na maior parte do Brasil. Deste modo, muitas pessoas vivem em Foz do Iguaçu, trabalham em Ciudad del Este e abastecem seus veículos ou frequentam os “barzinhos” na Argentina, e nestas ocasiões a porosidade da fronteira se torna mais visível.

Existem conflitos sim, e estes são ocasionados por variadas razões, tanto entre a cidade paraguaia e a cidade brasileira, quanto dentro do próprio município de Foz do Iguaçu, por conta do comércio ilegal de mercadorias. Há uma tentativa em tornar legal o comércio dos produtos paraguaios em Foz do Iguaçu, inclusive direcionando esta comercialização para áreas específicas. Para tal, foram montados pequenos *box* em pontos da cidade, onde os comerciantes podem trabalhar. Mas a ideia não agrada a todos. Para entender um pouco sobre a vida destes comerciantes, no ano de 2012 foi realizada uma pesquisa de campo, e após conhecimento da área onde os feirantes trabalham, foi realizada uma entrevista com uma pioneira das feiras em Foz do Iguaçu. A entrevistada permitiu que seu nome fosse divulgado, a qual tem por nome Margarida Bezerra. A entrevista foi gravada em áudio e vídeo e as informações foram apresentadas de modo indireto nos parágrafos que se seguem neste trabalho.

A entrevista foi realizada na “Feira Iguaçu”. “A Feira Iguaçu existe desde 1992 [...] conta com 64[17] barracas que comercializam diversos produtos como roupas,

[17] Durante o trabalho realizado em campo, averiguou-se que a Feira não conta mais com esta quantidade de barracas inicial, sendo que muitas foram fechadas ou abandonadas. O abandono ocorre pois os feirantes têm medo de que seus produtos sejam apreendidos pela Receita Federal, o

calçados, brinquedos, artesanatos, bijuterias, além de produtos típicos e lembranças da região" (FOZ DO IGUAÇU, 2013). Para quem passa distraído pela região da feira, quase não percebe que naquele local existe um comércio, pois fica escondido atrás de uma estrutura metálica, isso devido à pressão que os comerciantes da feira sofrem por parte de algumas empresas da cidade.

Para a entrevistada, a sensação que se tem é de ser um "ninho de joão-de-barro" (BEZERRA, 2012), ave esta que constrói seu ninho em forma de um "forno". A indignação da feirante se deve ao modo como as barracas estão postas em relação à rua, ficando com a parte da lata (costas) voltada para a rua, escondendo os comerciantes e seus produtos, os quais ficam de frente para um muro.

Ao se passar em frente da feira, mal se pode perceber o que há por detrás da armadura metálica. Existem poucas referências à feira, e pouco se enxerga do que está acontecendo por detrás dos *box*. A feira atende consumidores de Foz do Iguaçu e turistas que não desejam cruzar a Ponte da Amizade para comprar, muito embora a variedade dos produtos na Feira Iguaçu seja pequena, provavelmente pelo medo que os comerciantes têm de terem seus produtos apreendidos pela Receita Federal, como já aconteceu em diversas ocasiões (BEZERRA, 2012). Segue fotografia da Feira Iguaçu, a qual localiza-se próximo à Avenida Brasil, no centro de Foz do Iguaçu.

---

que já aconteceu em diversas ocasiões. As apreensões aconteciam, pois alguns feirantes ainda estavam em processo de legalização. Pela mesma causa, os vendedores mantinham pouca quantidade de mercadoria, pois caso houvesse fiscalização, não perderiam grandes quantidades.

Figura 4 - Visão externa da Feira Iguaçu em 2012
Fonte: Acervo pessoal

Dona Margarida Bezerra é nordestina, morou em Foz do Iguaçu por nove anos durante a década de 1990, voltando posteriormente ao nordeste. A paixão pela cidade de Foz do Iguaçu fez com que voltasse a morar lá anos mais tarde. Durante alguns anos, a entrevistada trabalhou como “sacoleira”, na ilegalidade. Sua tarefa era de levar produtos paraguaios para comercialização no nordeste do Brasil. Segundo conta, foi um período bastante difícil, principalmente devido à inflação que desvalorizava os produtos até que chegassem ao destino.

Durante a entrevista, Dona Margarida por diversas vezes mostrou indignação com a forma como os feirantes são tratados pelo Poder Público. Embora haja um processo de legalização destes trabalhadores, que até poucos anos atrás eram considerados ilegais, ainda há pouca visão sobre essas pessoas por parte dos governantes. A entrevistada contou sua história, sendo ela uma das fundadoras da “Feira Iguaçu”, detalhando as experiências pelas quais passou. As dificuldades destes comerciantes não cessaram e muitos ainda têm suas mercadorias recolhidas pela Receita Federal do Brasil, perdendo tudo o que conseguiram para revender.

Assim como no caso de Dona Margarida, muitas pessoas ainda trabalham informalmente na fronteira. Embora tenha sido aprovada a Lei para regularização

dos “sacoleiros”, muitos deles não possuem condições para arcar com os custos exigidos para legalizar-se. Segundo notícia veiculada em janeiro de 2011, quando da aprovação de Lei, “para se cadastrar na Receita Federal e importar produtos, é preciso ter uma microempresa cadastrada no SIMPLES, sistema criado pelo Governo para unificar e reduzir impostos. Abrir uma empresa do tipo, no Paraná, custa, em média, R$ 670” (GLOBO... 2011, s/p.), sendo ainda mais caro no caso de fechamento da empresa junto ao sistema. Deste modo, alguns optam por continuar na informalidade, mesmo com os riscos que correm.

Para Dona Margarida, a fronteira é sua sobrevivência, pois é esta a vida que optou construir – demonstra gostar daquilo que faz, apesar da desvalorização. O grande desejo dela, assim como de outros feirantes, é a construção de uma feira livre, assim como existe no nordeste brasileiro. Segundo ela, não desejam o luxo que se pretende para atrair mais turistas. São contrários à intenção de criação de uma feira diferenciada, com padrões estrangeiros, como autoridades municipais estão propondo (BEZERRA, 2012). Sobre a qual, o entrevistado Adevilson de Oliveira Gonçalves, enquanto representante do Poder Público discorreu:

> Nós estamos com um projeto pra essa feira, a gente viu um projeto que tem Verona, na Itália, um modelo diferente. Nós estamos com recurso pra ser aprovado no Ministério do Turismo, de 500 e poucos mil, a gente vai fazer nessa “feira Iguaçu”. Foz do Iguaçu na questão do turismo você tem as classificações, e nosso ponto mais fraco aqui da cidade é que nós não temos nada que leve o turista do hotel pro centro da cidade. O que você vem pra fazer em Foz do Iguaçu? Você vem pra ir nas Cataratas, pra fazer compras, ou Cassino e tal. O que tem no centro da cidade, shopping, lojas tem na tua cidade. Então isso não te atrai, então isso é um grande problema. Então a gente quer fazer essa feira diferente, que é tipo um guarda-chuva em que abrem as barracas e no final da rua um grande palco em que teriam atrações todas as noites à partir das 7 horas da noite, com atrações, a banda municipal, orquestra, banda de forró, pra que o turista vá nessa feirinha (GONÇALVES, 2012).

A intenção desta feira é fazer com que os turistas gastem ainda mais dinheiro na cidade de Foz do Iguaçu, criando um clima agradável e descontraído para que possam comprar à vontade. A entrevista com a feirante – Dona Margarida – mostra um pouco dos conflitos, provando que estes não se estabelecem apenas entre os dois lados da fronteira, mas que permeiam um campo mais abrangente, o qual por vezes visa fortificar o comércio em Foz do Iguaçu para que o turista não se desloque

até Ciudad del Este, e em outros facilita e incentiva o deslocamento dos consumidores ao “outro lado” da fronteira, como no caso do “Destino Iguassu”.

A internet é uma ferramenta importante para os consumidores que buscam produtos no comércio de Ciudad del Este, já que usuários da “rede” criam folhetos e guias explicativos sobre quais são as lojas mais confiáveis para se comprar, orientando os consumidores que não conhecem aquela cidade. Segue um exemplo de folheto com orientações para aqueles que visitam o comércio paraguaio:

Figura 5 - Guia para consumidores em Ciudad del Este
Fonte: http://andarilhosdomundo.com.br/2012/08/paraguai-guia-de-compras/

Materiais como este são abundantes na internet, sendo que existem algumas páginas criadas exclusivamente com a intenção de auxiliar os consumidores na

escolha das lojas para comprar, e ainda dando dicas sobre como proceder no momento das compras para evitar constrangimentos no país vizinho. Boa parte dos materiais disponíveis na “rede” são dedicados aos brasileiros que se deslocam à Ciudad del Este. Não é de se estranhar que estes materiais sejam disponibilizados na internet, uma vez que há uma tensão constante em se estar em um país que não o seu, sobretudo aos que nunca tiveram antes contato com aquele alheio.

Para além das relações que se estabelecem na fronteira, sejam conflituosas ou não, as quais permitem que se possa pensar em um aspecto transfronteiriço, a fronteira sofre transformações ao longo dos anos, de acordo com cada contexto político, econômico e social.

Através da pesquisa foi possível perceber uma relação baseada em consumo na tríplice fronteira, de modo que, assim como brasileiros deslocam-se ao Paraguai para comprar bens de consumo, especialmente eletrônicos, brinquedos e cosméticos. Também os paraguaios compram no comércio de Foz do Iguaçu, como mostrado por Cury (2010, p. 193), “como o Paraguai não é um país industrializado, o comércio de exportação localiza-se em Foz do Iguaçu, na área do Jardim Jupira e Vila Portes, nas proximidades da Ponte da Amizade, onde existem lojas que recebem exclusivamente em guarani e dólar”.

Em Foz do Iguaçu, a Vila Portes e o Jardim Jupira são centros comerciais que atendem tanto brasileiros quanto paraguaios, sendo que em 2004 foi criada a Associação de Empresários da Vila Portes e do Jardim Jupira – ASSOPORTES. Em visita de campo foi possível perceber a diferença deste espaço com outros centros comerciais de Foz do Iguaçu. Existe uma ampla variedade de produtos novos e usados, em um estilo de comércio popular. Seguem imagens da localização dos bairros:

Figura 6 - Vila Portes, Foz do Iguaçu
Fonte: Google Mapas
Edição: POLON, Luana Caroline Künast.

Figura 7 - Jardim Jupira, Foz do Iguaçu
Fonte: Google Mapas
Edição: POLON, Luana Caroline Künast.

A proximidade com a Ponte da Amizade ocasionou o surgimento de uma importante área comercial nestes bairros. As lojas de roupas e calçados usados comportam uma grande quantidade de produtos amontoados ou pendurados, sendo que os comerciantes ficam praticamente escondidos dentro dos *box*, tamanha a quantidade de mercadorias. A forma como os vendedores abordam os clientes nas lojinhas da Vila Portes (indo até eles na rua, chamando para entrar no comércio, oferecendo os produtos) lembram muito o comércio paraguaio, e se diferencia bastante das demais lojas da cidade. Segue imagem de uma das feiras encontradas na Vila Portes:

Figura 8 - Feira Livre na Vila Portes
Fonte: Acervo pessoal

Esta feira livre, especificamente, vende roupas e calçados usados. Muitos moradores do Paraguai se deslocam para comprar este tipo de mercadoria no comércio em Foz do Iguaçu. Na Vila Portes é possível encontrar boa parte dos produtos que são comercializados em Ciudad del Este, mas seguindo as leis brasileiras, este espaço de comércio deve fornecer garantias aos clientes, o que faz com que muitas pessoas que conhecem essa região de Foz do Iguaçu, prefiram comprar ali mesmo os produtos que necessitam. Estas relações de ir e vir na fronteira são responsáveis pelo aspecto transfronteiriço debatido por esta pesquisa.

Outro aspecto relevante sobre as relações na fronteira é o caráter ilegal de algumas práticas, especialmente o tráfico, contrabando e o descaminho. Basicamente, o tráfico e o contrabando são caracterizados pela entrada de produtos ilegais em território brasileiro, enquanto o descaminho de mercadorias é representado pela entrada de produtos sem o devido pagamento de impostos exigido pelo governo brasileiro. O descaminho é uma prática relativamente comum na fronteira entre Brasil e Paraguai, muito embora se constitua como crime. Existem

múltiplas formas pelas quais o descaminho é realizado, o qual nada mais é do que uma das consequências da sociedade consumista contemporânea. Quanto menos custos tiver um produto com impostos, maiores serão os lucros aos revendedores.

Uma das maneiras pelas quais os produtos são transportados sem custos nas alfandegas é a partir do transporte “formiga”, sendo que esta é uma prática comum também no tráfico. Consiste no transporte de pequenas quantidades de mercadorias por pessoa, não atingindo a cota máxima permitida, sendo que deste modo não gera punição aos transportadores.

Outra questão que permeia as relações de consumo na fronteira é que o expressivo fluxo de pessoas neste ambiente pode ser elemento facilitador para que práticas ilícitas passem despercebidas, dentre elas o tráfico de pessoas. “Esse vaivém de mercadorias acaba servindo como uma cortina para o tráfico de pessoas e o livre trânsito de menores entre os três países, com mais frequência entre o Brasil e o Paraguai, escondendo a realidade e a situação de risco” (BRASIL, 2009).

Crianças e mulheres são os grupos mais vulneráveis. O tráfico de pessoas pode ocorrer com base no rapto, mas também em propostas de trabalho nos países vizinhos com o “consentimento” das vítimas. Estas, muitas vezes mulheres, são abordadas com propostas de trabalho no Paraguai, as quais sugeram bons rendimentos. Ao aceitarem a proposta, são levadas ao interior do país para trabalharem como prostitutas e em regime de escravidão. Também paraguaios são trazidos ao Brasil para trabalharem em regime de escravidão, com mínimas chances de conseguir retornar ao seu país novamente por meios próprios.

Em 2010, Celina Duarte, na época Coordenadora do Projeto de Atenção Integral às Vítimas de Tráfico na Tríplice Fronteira pela Organização Internacional de Migrações (OIM), afirmou que “todos os dias passam jovens brasileiras para o lado paraguaio e paraguaias para o Brasil. Nosso controle migratório na fronteira praticamente não existe para a passagem de pessoas” (PARO, 2010). O problema está intimamente relacionado com os fluxos que se estabelecem na fronteira – trabalhadores, consumidores, etc. – e que dificultam que as práticas de tráfico de pessoas sejam evitadas.

Muitas crianças são transportadas ao Paraguai para trabalhos escravos, começam vendendo produtos no trânsito em Foz do Iguaçu e facilmente serão levados ao tráfico de drogas (BRASIL, 2009). A Tríplice Fronteira (Brasil-Paraguai-Argentina), de acordo com cartilha publicada pelo UNICEF (2005), é definida como

“rota de tráfico internacional de seres humanos, o que significa que crianças e adolescentes estão vulneráveis ao recrutamento para exploração sexual comercial na Argentina, Brasil, Paraguai e Europa” (UNICEF; ITAIPÚ BINACIONAL; TRACO, 2005).

A questão transfronteiriça, portanto, abrange aspectos mais complexos do que o deslocamento de pessoas com a finalidade de consumir, mas perpassa questões como esta abordada, bem como outras, como o tráfico de órgãos também. Questões como estas passam despercebidas em meio ao agitado ambiente fronteiriço e os olhares eufóricos dos consumidores em busca dos melhores preços. Elementos que são negligenciados em muitos casos, pois o controle e a segurança na fronteira são demasiadamente complicados. São os conflitos silenciosos na fronteira, praticamente imperceptíveis no cotidiano agitado que aquele ambiente confere.

O aspecto transfronteiriço foi elencado como essencial às discussões neste trabalho, pois abrange o campo daquilo que perpassa os limites territoriais estabelecidos formalmente. No caso da fronteira entre Brasil e Paraguai, o processo de transfronteirização ocorre de diversas formas, sendo uma delas a partir da ação de agentes como a Itaipu Binacional – a qual possui forte influência política e social, mas também por meio de políticas governamentais, muito embora neste trabalho as relações transfronteiriças abordadas sejam mais ligadas aos agentes comuns, ou seja, aquelas pessoas que diariamente estabelecem relações que perpassam os limites territoriais formalmente estabelecidos e que transformam a fronteira em um espaço flexível.

Para além da ideia de região transfronteiriça, a qual seria caracteriza por “áreas contíguas junto à linha de fronteira de dois ou mais estados nacionais por ela separados” (ROLIM, 2004, p. 15), a visão que se buscou discutir nesta pesquisa tem por base as relações transfronteiriças, entendidas enquanto práticas cotidianas que se desenrolam entre as fronteiras e que extrapolam os limites formalmente definidos por cada uma das nações. Não que estes limites estejam ausentes em determinadas ocasiões, mas são tornados fluidos quando há interesse manifestado por um dos dois lados.

Dentre as observações possíveis através deste trabalho, uma em especial chama a atenção, o fato de que as vendas no comércio de Ciudad del Este têm diminuído gradativamente nos últimos anos. A queda na venda de produtos se deve

a diversas razões, como a desvalorização do real frente ao dólar, o alto nível de endividamento dos brasileiros – inclusive, alguns estudiosos têm afirmado que a "era do consumo" no Brasil está em seu limite, com os dias contados, – também o maior controle dos produtos que entram no Brasil, e ainda, um novo modelo de comércio que está sendo pensado para Foz do Iguaçu, as lojas de "*Free Shop*", nas quais o turista poderia consumir até determinada cota de produtos sem cobranças de impostos, uma espécie de zona franca. São alguns fatores que estão colocando em risco a caracterização do espaço fronteiriço tal qual está posto hoje.

O Brasil possui legislação específica que trata sobre a importação e comercialização dos produtos paraguaios em território brasileiro. Todas as informações sobre o assunto podem ser encontradas no site da Receita Federal, onde todos os acordos internacionais comerciais são especificados, bem como os direitos e deveres dos consumidores na fronteira.

No Brasil, o Regime de Tributação Unificada (RTU) permite que determinados produtos advindos de Ciudad del Este sejam adquiridos por microempresas varejistas brasileiras, os quais deverão ser transportados por via terrestre, com o devido pagamento dos impostos e contribuições federais. Essa regulamentação inclui os antigos trabalhadores informais da fronteira que deverão ter cadastro como microempreendedores (MEI) para que possam importar as mercadorias, devendo pagar tributos sobre eles. Além disso, há restrições quanto aos produtos que podem ser importados, sendo excluídos da lista de permissões armas e munições, bebidas e cigarros, veículos, medicamentos, etc. Geralmente os produtos mais visados são eletroeletrônicos, elementos da informática e das telecomunicações (RECEITA, 2014, s/p.).

No caso de empresas importadoras de produtos do comércio paraguaio, somente poderão importar aquelas que estiverem cadastradas no SIMPLES NACIONAL, o qual é um programa de unificação das arrecadações de tributos das microempresas ou empresas de pequeno porte. Especialmente nos últimos governos houve incentivos à legalização dos trabalhadores, bem como a possiblidade de criação de novas empresas dentro dos parâmetros legais. O MEI é voltado para o trabalhador que atua por conta própria, o qual pode se legalizar como pequeno empresário, usufruindo dos benefícios desta modalidade, porém tendo que arcar com os custos relativos à formalização também.

O RTU foi criado para as transações comercial entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este especificamente, podendo ser credenciados os carros pertencentes às empresas participantes, destinados ao transporte das mercadorias. Existem, no site da Receita Federal, listas com especificações de produtos que podem ser importados, e de outros que necessitam licença para importação, por meio de controle administrativo. As importações devem respeitar os limites anuais de valor estabelecidos, que são divididos por cotas ao longo do ano. A quantidade de produtos de um tipo específico também pode sofrer limitações (RECEITA FEDERAL, 2014, s./p.).

Recentemente intensificaram-se as discussões que se referem ao futuro do comércio em Ciudad del Este, diante das transformações econômicas mundiais que estão previstas para os próximos anos, em especial no MERCOSUL. Sobretudo um elemento tem sido discutido, a Tarifa Externa Comum (TEC) do MERCOSUL, a qual está prevista para entrar em vigor até o ano de 2020 no máximo. Com a adoção desta tarifa única, a Argentina, o Brasil, Uruguai e o Paraguai adotarão valores padrões de importação. Assim, a fronteira do consumo, da forma como se apresenta hoje, não será mais viável, uma vez que não haverá mais vantagem para os brasileiros em comprar produtos importados da Ásia no Paraguai, já que as taxas de importação serão as mesmas para todos os países. Diante disso, “um dos planos mais ambiciosos para a região de Ciudad del Este é a atração de empresas internacionais para a montagem de um parque industrial na região, com o objetivo de produzir, localmente, produtos de alta tecnologia e que, por serem locais, cruzarão a fronteira com alíquota zero” (GOVERNO, 2014, s/p.).

Se efetivamente esta lei entrar em vigor, o Paraguai corre o risco de perder seu *status* de “paraíso das compras”, fator este que irá redefinir a própria fronteira. É possível pensar na questão do contrabando neste espaço de fronteira, elemento este que possivelmente será parcialmente combatido, muito embora tudo isso seja apenas especulação até este momento, uma vez que os rumos ainda não estão definidos na fronteira. O que se pode pensar até este momento é que a fronteira do consumo encontra-se ameaçada, e o que foi visto por tantos anos naquele ambiente, pode em breve se transformar, e não se sabe se de forma gradativa ou intensa, e as consequências disso ainda são desconhecidas.

Diante do exposto sobre a condição da fronteira enquanto espaço privilegiado de consumo, cabe pensar na transformação dos espaços de consumo e no próprio

consumo do espaço. Os espaços de consumo são aqueles destinados às práticas relacionadas ao vender e comprar produtos, sendo que existem múltiplos elementos envolvidos, por exemplo, a existência de uma praça de alimentação ou *playground* no Shopping Center. Os espaços de consumo estão intimamente relacionados com o consumo do próprio espaço, uma vez que os espaços são transformados em favor das práticas de consumo. Carlos (2007, p. 14) analisa que “existe uma tendência à diminuição dos espaços na cidade aonde o uso não se reduz à esfera da mercadoria e o acesso não se associa à compra e venda” e isso é perceptível na fronteira entre Brasil e Paraguai quando os *outdoors* tomam as estradas nas cidades vizinhas e o próprio espaço urbano de Foz do Iguaçu, anunciando as possiblidades de consumo no país vizinho. São os espaços urbanos transformados em mercadoria, assim como as demais coisas pertencentes a uma lógica capitalista, onde tudo se converte em valor de troca, para além do valor de uso.

Para além das questões que envolvem a discussão acerca da propriedade privada como característica da mercantilização de tudo na sociedade capitalista, é pertinente neste trabalho pensar nas formas pelas quais o espaço urbano é tomado pelas investidas mercadológicas em favor da reprodução do consumismo. A paisagem que se observa nas proximidades da Ponte Internacional da Amizade é construída com base nas relações que são estabelecidas naquele espaço, ou seja, de venda e compra de mercadorias após cruzar a ponte.

Se os acontecimentos ao longo da história tivessem sido diferentes, Ciudad del Este poderia ser essencialmente mais uma cidade produtora de soja, como muitas outras do Paraguai, mas por questões específicas já debatidas ao longo deste trabalho, ela se tornou em um centro de consumo mundialmente conhecido, sendo que foram criados ajustes espaciais para que tal caracterização fosse possível, como as vias de acesso até o comércio. Do mesmo modo, Ciudad del Este é diariamente transformada para atender ao público consumidor que para lá se desloca com intenção de consumir. A cidade vive das relações comerciais, e para tal se configura como um espaço propício ao consumo, em todos os níveis, desde o comércio de rua até o de luxo nos Shopping Centers.

A fiscalização no ambiente fronteiriço é ao mesmo tempo segurança e ameaça às relações de consumo que neste se desenrolam. Um exemplo disso são os problemas motivados pelas operações fiscais que acontecem com certa frequência, as quais abalam o comércio paraguaio devido à diminuição da presença

de consumidores. Uma das operações mais referenciadas é a “Operação Ágata”. A operação já contou com sete edições, sendo mantida sob o comando do Ministério da Defesa e coordenada pelo Estado-Maior em Conjunto das Forças Armadas (EMCFA). A execução cabe à Marinha, ao Exército e à Força Aérea Brasileira (FAB). Segue imagem representativa de uma das edições mais recente da operação:

Figura 9 - Banner informativo da 7ª Edição da Operação Ágata
Fonte: http://www.defesa.gov.br/operacao-agata/entenda-operacao.html

Segundo informações do *folder*, o objetivo da operação é o combate de delitos transfronteiriços (tráfico de drogas e armas, contrabando, descaminho, tráfico de pessoas e órgãos, crimes ambientais, etc.), intensificando a presença do Estado nos ambientes de fronteiras, com a finalidade de garantir a segurança nacional. Além da fiscalização das fronteiras, são prestados serviços assistenciais à

população. O comércio paraguaio foi especialmente abalado com os efeitos da Operação (7ª edição)[18], sendo que muitos consumidores deixaram de ir ao Paraguai, com medo de terem suas compras apreendidas. Não apenas o comércio paraguaio foi desestabilizado, mas o de Foz do Iguaçu também, especialmente na região da Vila Portes, onde muitos paraguaios compram, devido aos baixos preços das mercadorias. Além do comércio, também as pessoas que vivem do transporte de turistas nesta região sentiram os efeitos da operação, como é o caso dos mototáxistas. Alguns dados mostram que em poucos dias da operação, o fluxo de veículos na cidade de Foz do Iguaçu teve uma queda de 50%, enquanto em Ciudad del Este, a queda foi de 70% (PORTAL GUAÍRA, 2013).

Em maio de 2013, durante a "Operação Ágata 7", paraguaios e brasileiros se juntaram e fecharam a Ponte Internacional da Amizade, como forma de protesto contra a intensa fiscalização na fronteira. Esta operação, em especial, causou uma crise nas relações de consumo na fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Segue uma imagem da manifestação:

[18] No ano de 2014 aconteceu a 8ª Edição, a qual não foi abordada pelo trabalho, pois esta parte do conteúdo já estava estrutura naquele momento. Segundo informações, a Operação Ágata 8 obteve número recorde de apreensões de drogas na fronteira.
Fonte: http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2014/05/operacao-agata-8-chega-ao-fim-com-numero-recorde-apreensao-de-drogas-1

Figura 10 - Manifestação contra a intensiva ação militar na fronteira, em maio de 2013.
Fonte: Gazeta do Povo, 2013.

Na época, o vice-presidente brasileiro Michel Temer afirmou que devido ao sucesso das operações policiais na fronteira, com a diminuição da criminalidade, mais ações deste cunho serão realizadas, em caráter permanente (EFE, 2013). Essa informação significa muito para refletir sobre o futuro do espaço fronteiriço Brasil-Paraguai. Aliada com as demais informações, como a da formação de uma Zona Franca em Foz do Iguaçu, representam uma nova configuração à fronteira, configuração esta que redefine a identidade do que hoje é a "fronteira do consumo". A Operação Ágata é mais um exemplo de recurso capaz de desestabilizar as relações de consumo na fronteira, muito embora outras operações também aconteçam no mesmo sentido, mas não com tamanha expressividade.

Assim, as fiscalizações supostamente atuam de modo duplo: asseguram que haja segurança no ambiente fronteiriço, garantindo que as práticas consideradas ilegais sejam amenizadas ou banidas; mas também influenciam na dinâmica das relações na fronteira, prejudicando as pessoas que trabalham neste ambiente e que destas relações tiram seu sustento, como exemplo os mototáxistas, os quais foram um dos grupos mais afetados pelas intensas fiscalizações durante a "Operação Ágata 7", conforme mostra a fotografia apresentada acima. Não

apenas o comércio paraguaio foi afetado, tendo expressivo decréscimo nas vendas, mas também o comércio de Foz do Iguaçu, especialmente na Vila Portes e no Jardim Jupira, onde os paraguaios compram.

Acontecimentos como este mostram a fragilidade das relações na fronteira, a qual está relacionada com as políticas nacionais, e assim também com a economia. Se a fronteira do consumo se manteve por tantos anos é porque existem interesses mútuos para que ela se perpetue, muito embora tenha sido possível perceber um decréscimo de vendas no comércio de Ciudad del Este ao longo do tempo, mas que não excluiu a expressividade das relações com base no consumo na fronteira. O consumo na fronteira não é um fenômeno isolado, mas está inserido em um contexto que o torna possível, e deste contexto depende sua permanência. Assim, mais uma vez cabe a conhecida frase: “tudo o que é sólido desmancha no ar”...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço fronteiriço eleito como base para este trabalho poderia ter sido explorado de maneiras múltiplas, seja pela Tríplice Fronteira, ou por toda extensão da fronteira Brasil-Paraguai. Como não seria possível abordar todos os elementos referentes à fronteira, um apenas foi escolhido: a questão do consumo na fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente. Certamente que o fator consumo está presente em toda delimitação territorial da fronteira, mas pela complexidade e relevância, optou-se pela averiguação do fenômeno em especial no ambiente fronteiriço entre Ciudad del Este (PY) e Foz do Iguaçu (BR). O que não quer dizer que as relações de consumo fiquem restritas à este ambiente específico, pois elas perpassam os limites territoriais e se expandem para outras regiões.

O trabalho desenvolvido não teve como intuito construir uma visão única e imutável da fronteira, mas refletir acerca desta como objeto em constante transformação, espaço formado pelas relações múltiplas estabelecidas ali. A fronteira é, acima de tudo, uma construção social, sendo assim, passível de transformações conforme o contexto histórico-social-econômico.

A fronteira analisada por meio deste trabalho possui uma característica muito flexível, justamente por envolver dois países, em parte bastante diversos. As relações de consumo na fronteira se mostram instáveis, e não há segurança de que daqui a alguns anos ainda se tenha esse fluxo significativo de pessoas e mercadorias ora presenciado. A fronteira pode absorver outros contextos, e se transformar de acordo com estes.

As operações de fiscalização mais recentes mostraram a susceptibilidade do comércio na fronteira, de modo que, devido à presença policial, as vendas e o fluxo de pessoas diminuíram drasticamente. Assim, também uma mudança de governo em um dos dois países poderia colocar fim às relações de consumo neste espaço, seja pela diminuição dos impostos no Brasil, em uma política de valorização do mercado interno, seja por meio de maior fiscalização constante na fronteira.

A fronteira de décadas passadas era evidentemente muito diferente daquela que se conhece hoje. As relações que se estabeleciam naquele espaço não eram baseadas no consumo de bens, tal como é possível se ver nos dias atuais. As transformações sociais em ambos os países, as transformações em nível mundial

que levaram diversos imigrantes àquelas fronteiras, os investimentos em infraestrutura, as histórias de desemprego, informalidade, de ilegalidade, a moralidade no que era considerado imoral, são os elementos que foram moldando a "fronteira do consumo", tornando-a conhecida mundialmente, mesmo em meio aos altos e baixos da economia. São estes aspectos que construíram a paisagem da fronteira como pode ser vista hoje.

A tendência de transformação deste espaço fronteiriço é demasiadamente grande frente à dinâmica econômica mundial. A complexidade do envolvimento de dois países, duas politicas, duas economias, dois povos, da ilegalidade, do desejo consumista, das histórias de vida com base na revenda de produtos do Paraguai, das dificuldades em se cruzar a fronteira, da violência e dos perigos de uma área fronteiriça, são aquilo que dá sentido ao ambiente de fronteira Foz do Iguaçu-Ciudad del Este.

Aos que enxergam "de fora" o caos da fronteira, tudo parece muito complexo, estranho. Mas, para aqueles que vivenciam este espaço, a fronteira cotidianamente parece não existir. Não se importam em ter três moedas diferentes no bolso, em conviver diariamente com múltiplos idiomas. As várias faces e culturas, tão diferentes, já não se diferem muito quando se vive de modo presencial essa diversidade. Ela está posta, mas pouco notada.

As transformações das relações de consumo na fronteira não só mudam a vida das pessoas que dependem desta modalidade de comércio para sobreviver, mudam também a paisagem fronteiriça e transformam os espaços em favor dos fluxos. Assim, compreender a complexidade das relações que se estabelecem na fronteira não é tarefa das mais fáceis, mas conhecer um pouco daquilo que move tantas pessoas ao "outro lado" permite que se reflitam as fragilidades dos espaços, das experiências, daquilo que pode vir depois.

A fronteira abordada neste trabalho só é assim configurada – como fronteira do consumo – pois há uma sociedade com base no consumo que a nutre. Com base na discussão teórica construída por meio deste trabalho é possível se pensar nas razões que permitem que a fronteira seja mais ou menos flexível em determinadas ocasiões, e como esta se modifica em favor de interesses econômicos e políticos de ambas as nações.

Dois elementos são primordiais para pensar o futuro do ambiente fronteiriço analisado ao longo da pesquisa, os quais são a economia e a política. Estes

elementos não estão desvinculados, mas um influencia o outro. Não apenas as decisões políticas alteram aspectos da economia, mas também a configuração da economia mundial possui forte influência sobre as decisões políticas. As duas instâncias principais analisadas pelo trabalho são passiveis de transformações, tanto o consumo, quanto a fronteira.

Alguns estados de crise repercutem mundialmente e alteram as relações de consumo nos diversos países, acarretando em decisões políticas com a finalidade de sanar ou reduzir os problemas da economia. Do mesmo modo, a política é instável. Acordos são feitos com frequência, mas também desfeitos quando algo não agrada ao outro. A fronteira do consumo entre Brasil e Paraguai foi constituída ao longo dos anos, mas não há garantias sólidas de que essa caracterização seja eterna.

Em uma análise geográfica sobre a influência do consumo de bens na formação de uma condição transfronteiriça entre Brasil e Paraguai, especialmente Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, pode-se perceber que ao longo dos anos foram criadas possiblidades de expansão das relações de consumo, seja pela alteração do espaço físico ou aproximações culturais, influenciando nas formas políticas e econômicas. Da mesma forma como a fronteira do consumo foi construída historicamente, ela continua sendo reconstruída cotidianamente, podendo assumir outras formas com o passar do tempo, especialmente com as frequentes transições do mundo contemporâneo, o qual não permite estagnação, mas permanentes mudanças.

Com as transformações que sucedem – ou podem suceder – na fronteira, o próprio espaço geográfico é alterado, reformulado e até ressignificado, de acordo com as relações sociais que estabelecer-se-ão nele. Conclui-se, portanto, que a denominação de “fronteira do consumo” é ainda compatível com a situação atual do ambiente fronteiriço entre Foz do Iguaçu (PY) e Ciudad del Este (BR), visto que as relações transfronteiriças neste ambiente são em grande medida influenciadas pelas possiblidades de consumo no centro comercial de Ciudad del Este, movimentando um expressivo número de pessoas e mercadorias e criando dinâmicas próprias a este ambiente, embutindo uma configuração espacial particular, pautada nas possiblidades de consumo.

REFERÊNCIAS

Artigos de Revistas *Online*

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteiras e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil. **Cadernos CERU.** Centro de Estudos Rurais e Urbanos. São Paulo, Vol.19, N. 1. jun. 2008 p.49-63. Disponível em: < http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ceru/v19n1/04.pdf>. Acesso em 17 jan. 2013.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C.A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, vol.15, n.31, jun 2009. p. 137-166 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 dez. 2013.

ALVES, Luciano Carneiro. A controvérsia do pós-moderno. **Coletâneas do Nosso Tempo**. Ano VII – v. 7. n º 7. 2008. p. 213-223. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/download/119/110>. Acesso em 02 Ago. 2014.

CACHINHO, Herculano. *Consumactor:* da condição do indivíduo na cidade pós-moderna. ***Finisterra.*** Lisboa. Ano XLI. Nº 81. 2006. p. 33-56. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_02.pdf>. Acesso em 22 dez. 2012.

MOREIRA, Ruy. Assim se Passaram Dez Anos - A Renovação da Geografia Brasileira no Período 1978-1988. **GEOgraphia,** Niterói, v. 2, n. 3, p.27-49, fev. 2000. Semestral. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/28/26>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ORY, Vicente Bielza de. El tema del consumo en la Geografía. In: **Papeles de Geografia.** Murcia: Universidad de Murcia. Nº 7. 1976-1977. Disponível em < http://revistas.um.es/geografia/article/view/41701/40091>. Acesso em 21 dez. 2012.

ROLIM, Cássio F. C. **Como Analisar as Regiões Transfronteiriças? Esboço de um Enquadramento Teórico-metodológico a Partir do Caso de Foz do Iguaçu.** 2004. Coordenada por Núcleo de Economia Regional e Urbana da Universidade de São Paulo - NEREUS. Disponível em: <http://www.usp.br/nereus/?txtdiscussao=como-analisar-as-regioes-transfronteiricas-esboco-de-um-enquadramento-teorico-metodologico-a-partir-do-caso-de-foz-do-iguacu>. Acesso em: 19 fev. 2014.

SENNES, Ricardo. Brasil, Paraguai e as Questões Regionais Recentes. **Interesse Nacional**. [s/l.] Ano 5 - número 19. Outubro-dezembro 2012. [s/p.] Disponível em: < http://interessenacional.uol.com.br/index.php/edicoes-revista/brasil-paraguai-e-as-questoes-regionais-recentes/>. Acesso em 29 mar. 2013.

Artigos de Revistas Impressas

CARDIN, Eric Gustavo. Os trabalhadores das vias públicas de Ciudad del Este: considerações preliminares sobre os mesiteros e suas associações. **Revista História em Reflexão.** Dourados. V. 4. N. 7. p. 01-17. Jan./Jun. 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**. Ano 18. V. I. N. 18. Jan.-Jun./2002. São Paulo. p. 161 – 178.

DUARTE, Geni Rosa; GONZALEZ, Emilio. A construção de si e do (no) outro: deslocamento de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil/Argentina/Paraguai). **Espaço Plural.** Marechal Cândido Rondon: CEPEDAL. Ano X. Nº 20. 2009. p. 120-129.

KLEINSCHMITT, Sandra Cristiana; AZEVEDO, Paulo Roberto; CARDIN, Eric Gustavo. A tríplice fronteira internacional entre Brasil, Paraguai e Argentina: contexto histórico, econômico e social de um espaço conhecido pela violência e pelas práticas ilegais. **Perspectiva Geográfica**. V. 8. N. 9. Marechal Cândido Rondon, 2013.

MONDARDO, Marcos Leandro. Identidades na fronteira (trans)territorial entre Brasil e Paraguai: olhares das relações de contato e de contraste. **Tempos Históricos**. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE. Vol. 12. 2008. p. 93-116.

Curso

SILVA, Micael A. **Curso de Extensão**: Breve História da Tríplice Fronteira. s/p. Foz do Iguaçu: Uniamérica, 2003. Mimeo.

Entrevistas

BEZERRA, Margarida. **Entrevista** [ago. 2012]. Entrevistadores: Luana C. K. Polon e Paulo H. H. Polon. Foz do Iguaçu, 01 ago. 2012. Estéreo. Color. 1 VCD, 2012.

GONÇALVES, Adevilson de Oliveira. **Entrevista** [jun. 2012]. Entrevistadores: Luana C. K. Polon e Paulo H. H. Polon. Foz do Iguaçu, 26 jun. 2012. Mono. 1 cassete sonoro.

Livros

BALLER, Leandro. Cultura fronteiriça: Brasil e Paraguai entre manifestações simbólicas e materiais. In: HANN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio (Orgs). **Nas malhas do poder:** história, cultura e espaço social. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Portugal: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se dissolve no ar**: a aventura da modernidade. Lisboa: Edições 70, 1989.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano:** Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O cotidiano de uma fronteira:** a perversidade da modernidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Orgs.). **Elementos Epistemológicos da Geografia contemporânea.** Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra:** Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEORGE, Pierre. **Geografia do consumo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

HAESBAERT, Rogério (org.). **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. Niterói: EdUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização:** do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 396 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEGOTTO, Ricardo. **Migrações e Fronteiras:** os imigrantes brasileiros no Paraguai e a redefinição da fronteira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MYSKIW. Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem:** a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SOUZA, Nilson Araújo de. **Economia brasileira contemporânea:** de Getúlio a Lula. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Matérias de Sites e Noticiários

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. **Segurança na Região Da Tríplice Fronteira (Brasil/Argentina/Paraguai).** 2009. Elaborada por Centro Universitário de Belo Horizonte. 4 p. Disponível em: <http://blogs.unibh.br/wpmu/relacoesinternacionais/files/2009/05/guia-4-seguranca-na-regiao-da-triplice-fronteira.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2014.

CLICKFOZ, O portal de notícias de Foz do Iguaçu. Conheça um pouco da história da Ponte da Amizade. 2010. Elaborado por Garon Piceli. Disponível em: < http://www.clickfozdoiguacu.com.br/pagina/conheca-um-pouco-da-historia-da-ponte-da-amizade-5803>. Acesso em 18 fev. 2013.

COLOMBO, Sylvia. Portunhol questiona estereótipos. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 28 nov. 2007. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2811200708.htm>. Acesso em: 3 fev. 2014.

COOPERAÇÃO gera risco, afirma analista. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 02 out. 2005. Mundo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0210200511.htm>. Acesso em: 20 fev. 2014.

COUTO, Roberto. O lado sofisticado de Ciudad del Este. **Gazeta do povo.** Curitiba, 15 jul. 2010. Turismo. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/turismo/conteudo.phtml?id=1025143>. Acesso em 03 fev, 2014.

ECONOMIA no Período Militar. Desenvolvido por Acervo da Luta Contra a Ditadura. [2005?]. Disponível em: <http://www.acervoditadura.rs.gov.br/economia.htm>. Acesso em: 05 abr. 2014.

EFE (Brasil). Em Foz, Temer diz que operações contra crimes nas fronteiras serão permanentes. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 27 maio 2013. Vida e Cidadania. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1376470&tit=Em-Foz-Temer-diz-que-operacoes-contra-crimes-nas-fronteiras-serao-permanentes>. Acesso em: 24 jun. 2013.

FOZ DO IGUAÇU, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Turismo. **Feiras e Mercados.** 2013. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/portal2/home_turismo/feiras_mercados.asp>. Acesso em: 12 jan. 2013.

GARCIA, Bruno. Entrevista com Francisco Doratioto. **Revista de História.** Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/francisco-doratioto>. Acesso em 05 ago. 2014.

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A. (Rio de Janeiro). Jornal Nacional (Ed.). **Governo lança cadastro para legalizar a atividade dos sacoleiros.** 2011. Elaborado por Jornal Nacional, edição do dia 03/01/2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/01/governo-lanca-cadastro-para-legalizar-atividade-dos-sacoleiros.html>. Acesso em: 22 jun. 2014.

GOMES, Edvania Torres Aguiar. Em defesa de outro mundo possível. **Carta Capital.** São Paulo: Editora Confiança. 05 mai. 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/em-defesa-de-outro-mundo-possivel>. Acesso em 20 jun. 2014.

GOVERNO paraguaio debaterá futuro de Ciudad del Este. **Amambai notícias**. Mundo. Amambai, 25 fevereiro 2014. Disponível em: <http://www.amambainoticias.com.br/mundo/governo-paraguaio-debatera-futuro-de-ciudad-del-este>. Acesso em 25 fev. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Regiões transfronteiriças e redes "brasileiras" no MERCOSUL**. Desenvolvida por Observatorio Geográfico de América Latina. Disponível em: < http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/04.pdf>. Acesso em 20 fev. 2014.

ITAIPU BINACIONAL (Brasil; Paraguai). **Compras.** 2010. Turismo. Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/turismo/compras>. Acesso em: 22 abr. 2013.

JORNAL NOSSO TEMPO. Edição 104. Foz do Iguaçu. 03-10 fev. 1984. Disponível em: <http://www.nossotempodigital.com.br/edicao/104/>. Acesso em 05 ago. 2014.

JORNAL NOSSO TEMPO. Edição170. Foz do Iguaçu. 24-30 mai. 1985. Disponível em: <http://www.nossotempodigital.com.br/edicao/170/>. Acesso em: 05 ago. 2014.

LICITAÇÃO para nova ponte Brasil-Paraguai é suspensa. **Jornal O Presente**. Marechal Cândido Rondon, 01 mar. 2013. Geral. Disponível em: < http://www.opresente.com.br/geral/licitacao-para-nova-ponte-brasil-paraguai-e-suspensa-34178/>. Acesso em 22 mar. 2013.

MACHADO, Matheus; RAMOS, Murilo. Os terroristas estão aqui? **Revista Época.** Disponível em: < http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR76636-5990,00.html>. Acesso em 20 fev. 2014.

PARO, Denise. Trânsito livre para tráfico humano. **Gazeta do Povo**. Vida e Cidadania. Curitiba, Jul. 2010. Disponível em: < http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1024432>. Acesso em 20 mar. 2014.

PORTAL GUAÍRA (Brasil). **Operação Ágata 7 – Movimento de compras no Paraguai caiu em 70%.** 2013. Disponível em: <http://www.portalguaira.com/PG/operacao-agata-7-movimento-de-compras-no-paraguai-caiu-em-70/>. Acesso em: 28 maio 2013.

RECEITA FEDERAL (Brasil). **Regime de Tributação Unificada – RTU**. Disponível em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/aduana/rtu/default.htm>. Acesso em 14 fev. 2014.

UNICEF; ITAIPÚ BINACIONAL; TRACO (Brasil). **Situação das Crianças e dos Adolescentes na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai:** Desafios e Recomendações. Curitiba: ITAIPU Binacional, 2005. 144 p. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/sitantrifron.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2014

VALIENTE, Daniela. Ciudad del Este terá versão local do Procon. **Gazeta do Povo**. Curitiba: Set. 2010. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/m/conteudo.phtml?id=1045305&tit=Ciudad-del-Este-tera-versao-local-do-Procon>. Acesso em 17 fev. 2014.

Vídeos

AS MUITAS faces de uma cidade. Produção de Danilo Georges; Eliseu Pirocelli; Vinicius Santos. Foz do Iguaçu: Vinicius Santos, 2010. (31 min.), OnLine, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lh4JCH5ye3k>.Acesso em: 21 jun. 2012.

ENCONTRO com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá. Direção: Sílvio Tendler. 89 min. 2006. Color. Mídia Online. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>. Acesso em 23 jun. 2013.

O BRASIL deu certo, e agora?. Direção de Louise Sottomaior. Rio de Janeiro: Cultura Maior, 2013. 1 (70 min.), DVD, color.

XINGU. Direção de Cao Hamburger. Produção de Fernando Meirelles; Andrea Barata Ribeiro; Bel Berlinck. Intérpretes: João Miguel; Felipe Camargo; Caio Blat e Outros. Roteiro: Elena Soárez; Cao Hamburger; Anna Muylaert. [s.l.]: Downtown Filmes; Riofilme, 2012. 1 (102 min.), DVD, son., color.

Teses e Dissertações

CURY, Mauro José Ferreira. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI):** Interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira - Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Leste (PY) e Puerto Iguazú (AR). Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná: UFPR, 2010.

ORTIGOZA, Silvia aparecida Guarnieri. **Geografia e Consumo:** Dinâmicas sociais e a produção do espaço urbano. Tese de Doutorado. Rio Claro: UNESP, 2009.